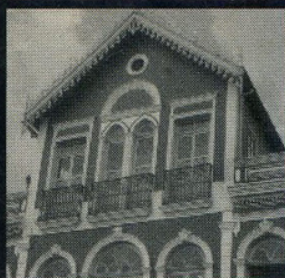
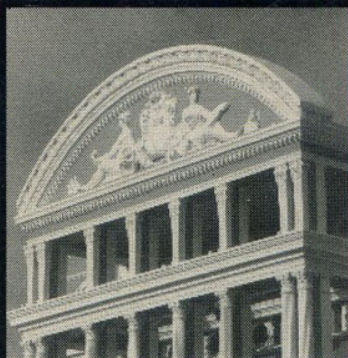
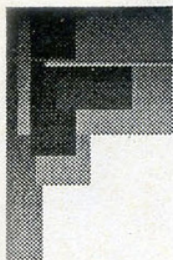


Caminhando por Manaus

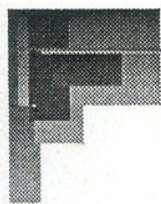
(cinco roteiros históricos da cidade)





Caminhando por Manaus

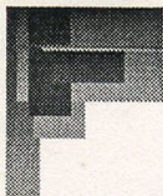
Luciana
Pereira
Santos



Apresentação

Este livreto não se propõe a ser um documento de registro histórico, mas sim um instrumento de efetiva utilidade para o turista mais exigente e minucioso, que deseje conhecer Manaus mais intimamente, percorrendo a pé seus bêcos, ruas e avenidas. São ao todo cinco roteiros, cuidadosamente elaborados por Thérèse Aubreton - uma francesa residente em Manaus e radicada no Brasil há anos, professora de história e agente de viagens. Seus olhos e caneta captaram e registraram tudo o que aqui pode ser desfrutado. A pesquisadora não se limitou a consultar livros e documentos. Os cinco roteiros a pé foram atentamente feitos e refeitos, tendo sido anotados cada detalhe pitoresco, cada aspecto curioso. Aspectos relevantes da nossa história, arquitetura, hábitos e costumes, regionalismos, etc., foram registrados. A Sra. Aubreton foi até mesmo à França, com o objetivo de estudar, comparar e comprovar semelhanças e dados, fundamentando melhor ainda aquilo que a FUMTUR lhe havia encomendado. O resultado está aí, para o conforto e melhor aproveitamento da estada de nossos turistas. Esta publicação da Prefeitura de Manaus, através da Fundação Municipal de Turismo - FUMTUR, pretende ser o início de outros relatos e registros para uso turístico.

Manaus, Agosto, 1996



Expediente

Edição 1996
Caminhando por Manaus
é uma publicação da
FUMTUR

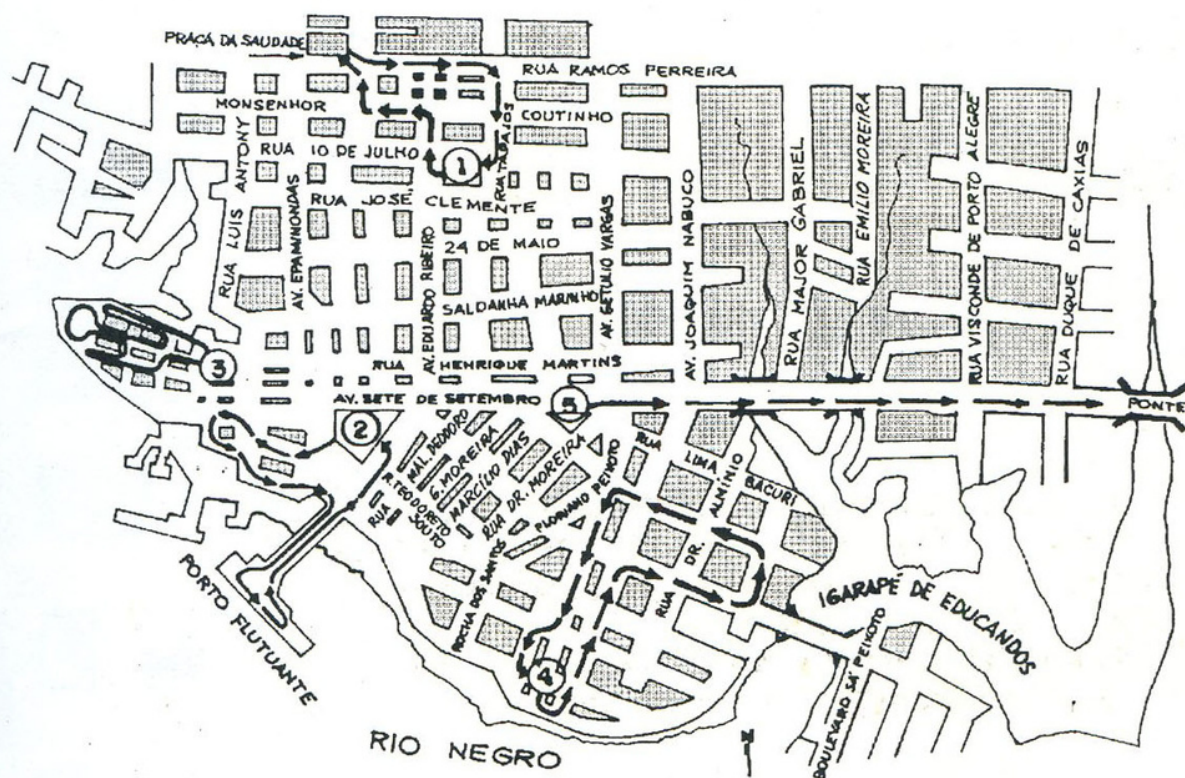
PREFEITURA MUNICIPAL DE MANAUS
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE TURISMO - FUMTUR

Av. Torquato Tapalós, 313 - Flores
Tel. (092) 622 4925/4948/ 4886/4986 (tele-fax)
Fone: (092) 622 4925/4948/ 4886/4986
Fax: (092) 232 7025
HomePage: www.internext.com.br/fumtur
e-mail: fumtur@internext.com.br

Pesquisa: *Thérèse Aubreton*

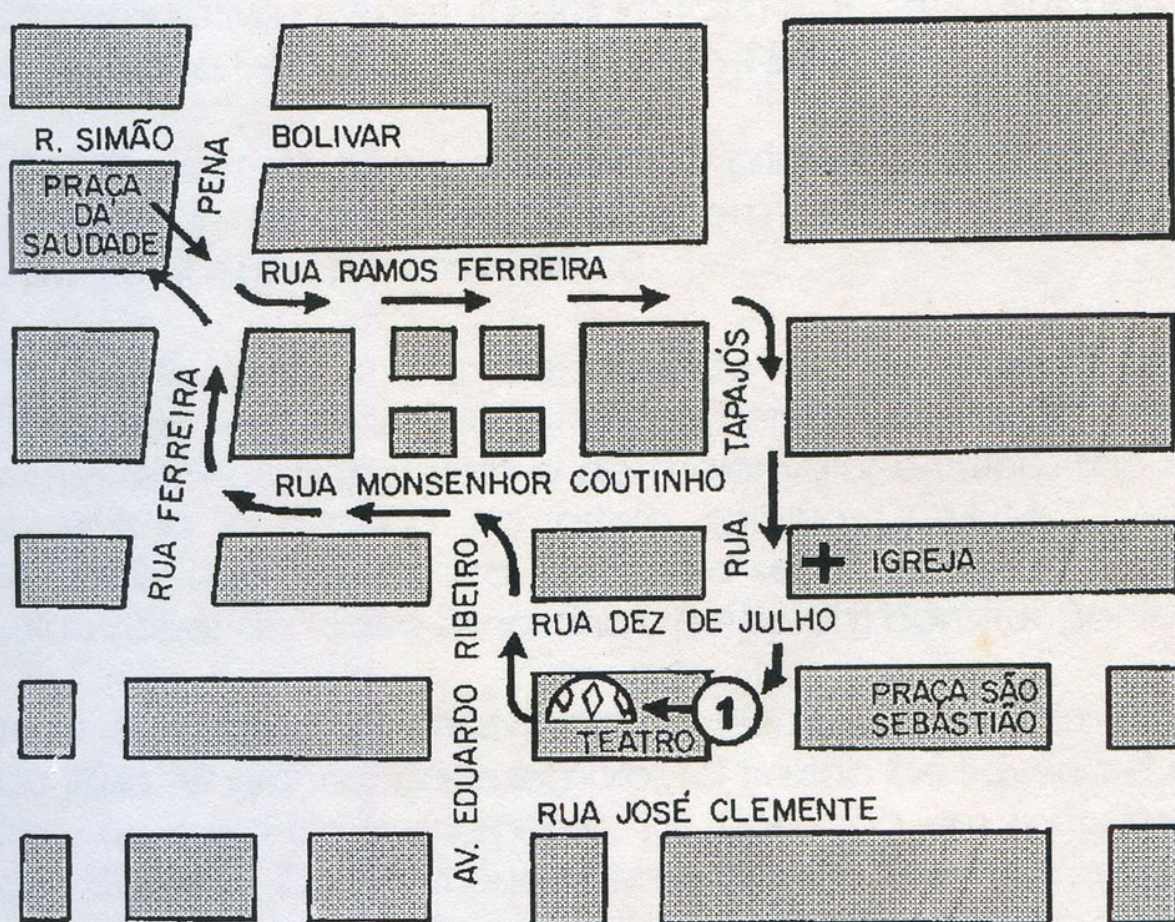
Caminhando por Manaus

Os Roteiros



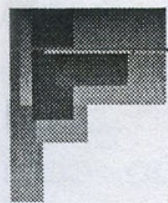
Roteiro 1 - Ao Redor do Teatro.....	pág 08
Roteiro 2 - Ao Redor do Porto	pág 34
Roteiro 3 - Ao Redor da Prefeitura.....	pág 55
Roteiro 4 - Ao Redor do Mercado.....	pág 71
Roteiro 5 - Ao Longo da Av. Sete de Setembro....	pág 92

Ao Redor do Teatro



Roteiro 1

Saída da Praça São Sebastião, em frente ao Teatro Amazonas.



Monumento à "Abertura dos Portos"

No centro da praça pode ser observado o Monumento Comemorativo à Abertura dos Portos e Rios da Amazônia à Navegação Estrangeira, ocorrida em 1866.

Este monumento não é o original. O primeiro levantado era somente um obelisco, inaugurado em 1867, registrando a data do acontecimento histórico.

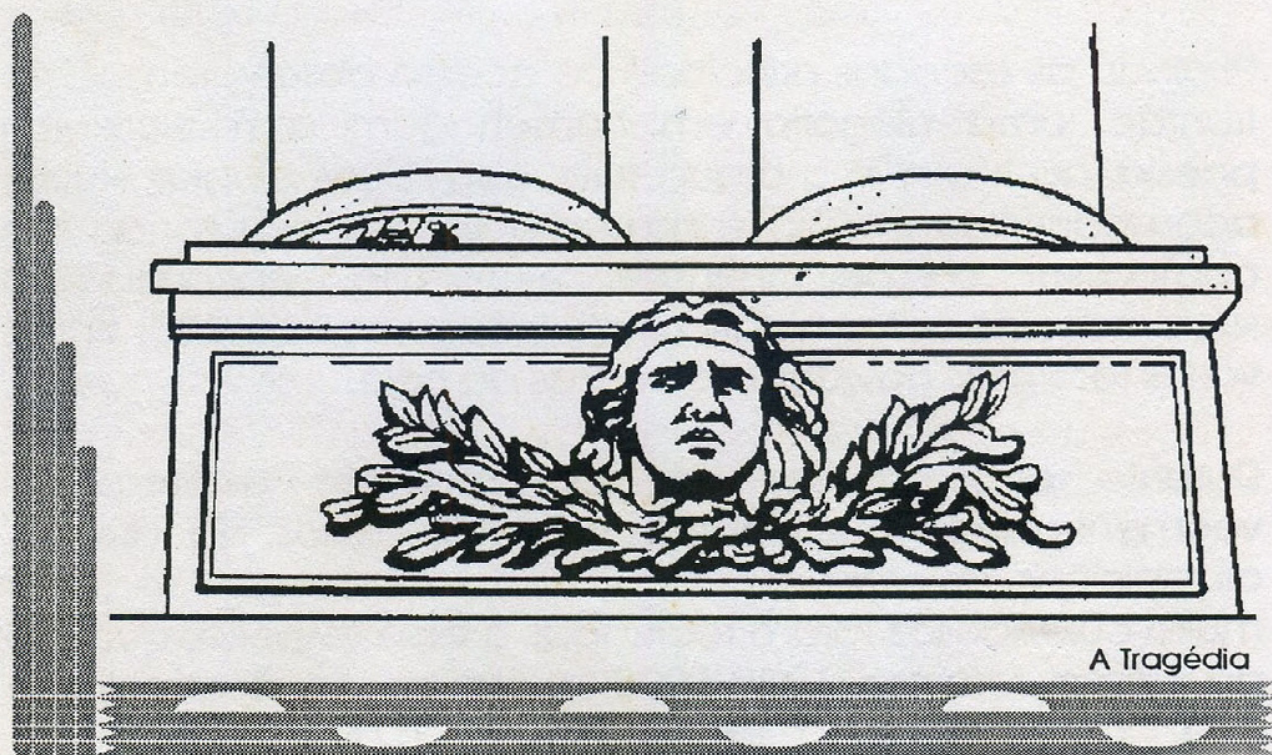
Em 1899, com a riqueza advinda da exploração da borracha, ergue-se outro monumento (o atualmente existente) mais imponente e de maior valor artístico, sob a supervisão e criação do artista italiano DOMENICO DE ANGELIS, que na época dedicava-se à decoração do salão nobre do Teatro Amazonas, então em construção.

Todo o material foi importado da Europa, especialmente da Itália. O granito, por exemplo, foi trazido de Bavena e a frisa, ao meio do monumento, foi fabricada em mármore de Carrara. Os elementos em bronze, na forma de máscaras no estilo antigo, dispostos na frisa, foram fundidos em Gênova. A estátua, ao cimo do monumento, também em bronze, realizada nos famosos ateliês de Enrico Quatrini, em Roma, é uma alegoria ao comércio. Ao lado vê-se uma estátua do deus Mercúrio sentado em uma

época de sua inauguração. No entanto, pelas evidências, a primeira pintura teria sido feita efetivamente em róseo.

Erguem-se em frente à fachada duas estátuas - à esquerda uma mulher, tendo às mãos uma lira estilizada com os contornos de um casco de tartaruga, simboliza a música; e à direita uma mulher, com pena e prancheta às mãos, simboliza a poesia.

Em estilo neoclássico, com adaptações regionais (tais como as calhas que saem das máscaras), vê-se ao lado esquerdo da fachada o baixo relevo de um rosto sorridente, a comédia, personificada pela musa Thalie e, ao lado direito, a fisionomia fechada da tragédia, caracterizada pela musa Melpomene. Essas representações, inclusive, são notadas em vários pontos da parte externa do prédio.



engrenagem (símbolo da Indústria e Comércio), cercado por três meninos, em bronze.

Inaugurado em 1900, no ano da comemoração do quarto centenário do Brasil, o monumento simboliza os quatro "cantos do mundo" - África, Europa, Ásia e América, cada um representado pela proa de uma embarcação, com um menino sentado.

No barco da África, sentado em uma cabeça que simboliza o Egito, com símbolos também egípcios, um menino segura duas presas de elefante; o barco da Europa, que exibe uma águia à proa, mostra um menino segurando um globo terrestre; o barco asiático mostra o "croissant", símbolo dos muçulmanos, caracteres antigos gravados à proa e o menino às costas de um leão; no barco da América encontram-se agrupados elementos decorativos diversos, com o menino à proa e uma serpente enrodilhada na quilha do barco.

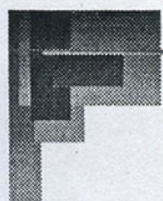
O monumento registra a data de XV de Novembro de 1889, em que se comemora a Proclamação da República do Brasil, ressaltando o nome de José Cardoso Ramalho Júnior, na época governador do Estado.

Em 1995 a praça foi integralmente recuperada pela Empresa XEROX DO BRASIL.

A maioria das árvores que cercam a praça são Oitis ("Licania tomentosa") e Viuvinhas ("Petrea volubilis schauer"). O piso - com desenhos sinuosos que posteriormente teriam inspirado as calçadas de Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro - simboliza o

encontro das águas dos rios Negro e Solimões.

Aproveite a sua permanência no local para observar a parte externa do Teatro Amazonas, deslocando-se até o fundo da praça para obter fotos abrangendo a cúpula do prédio.



O Teatro Amazonas

Em frente à praça ergue-se imponente o Teatro Amazonas, sem dúvida o mais importante marco de nossa Cidade, símbolo de anos de fausto e poder (época áurea da borracha, entre 1890 e 1910), com muitas estórias verdadeiras ... e falsas. A sua edificação caracteriza um período em que o leite da seringueira tudo comprava. Era a época da borracha!

A Época da Borracha

A época áurea da borracha situou-se entre os anos de 1890 e 1910, quando a Amazônia detinha o monopólio da borracha utilizada no mundo inteiro.

O projeto de construção do teatro data dos idos de 1881. Em 1883 o Governo do Estado aprova as plantas do "Gabinete Português de Engenharia e Arquitetura de Lisboa" e as obras são iniciadas em 1884, numa antiga roça localizada perto do aterro do Igarapé do Espírito Santo (hoje Av. Eduardo Ribeiro).

A firma italiana ROSSI & IRMÃOS incumbe-se da realização das obras, mas tem sua contratação cancelada pela lentidão e irregularidade constatadas no trabalho. Assim, a construção é paralisada em 1886 e vai reiniciar-se somente em 1893, sob o impulso empreendido pelo Governador Eduardo Ribeiro, que - motivado pela falta de material de construção e mão-de-obra - opta pela importação de matéria prima, operários, artistas, decoradores...

Eduardo Ribeiro (1862/1900)

Conhecido como "O PENSADOR", por causa de um jornal que teria fundado com esse nome, no Maranhão, Eduardo Ribeiro era maranhense, militar na área da engenharia, ex-aluno da Escola Militar do Rio de Janeiro, que em 1886 - já como 2º. tenente - é enviado ao Amazonas aparentemente em punição pelas suas posições republicanas. Permanece no Estado após a Proclamação e exerce o cargo de Governador no período de 1892/1896.

Constrói prédios, cria os serviços de abastecimento de água e saneamento, inaugura o fornecimento de luz elétrica e operacionaliza os transportes em bonde.

"Encontrei Manaus uma aldeia e dela fiz uma cidade moderna..."- foi uma de suas frases prediletas ... e verdadeira!

Conta-se que o ativo governante teria sido acometido por enfermidade mental.

Sua morte aos 38 anos, aparentemente pelo suicídio, envolve-se ainda hoje em nuvens de mistério.

A cúpula do Teatro Amazonas, símbolo da cidade, foi duramente criticada pela opinião pública da época, que a julgava uma extravagância.

A armação de ferro foi importada da Europa e as telhas envernizadas, formando os contornos da bandeira brasileira, nas cores verde, amarelo, azul e branco, foram importadas da Alsásia (região francesa onde tradicionalmente os tetos de certas casas são cobertos com telhas similares), acondicionadas em redes durante a travessia do Atlântico.

A grandiosidade da cúpula, com seus contornos formando a bandeira brasileira, nas cores próprias, permitia que pudesse ser divisada ao longe pelos barcos que aportavam a cidade, lembrando a sua permanência em terras brasileiras.

Aproximemo-nos agora da entrada do Teatro.

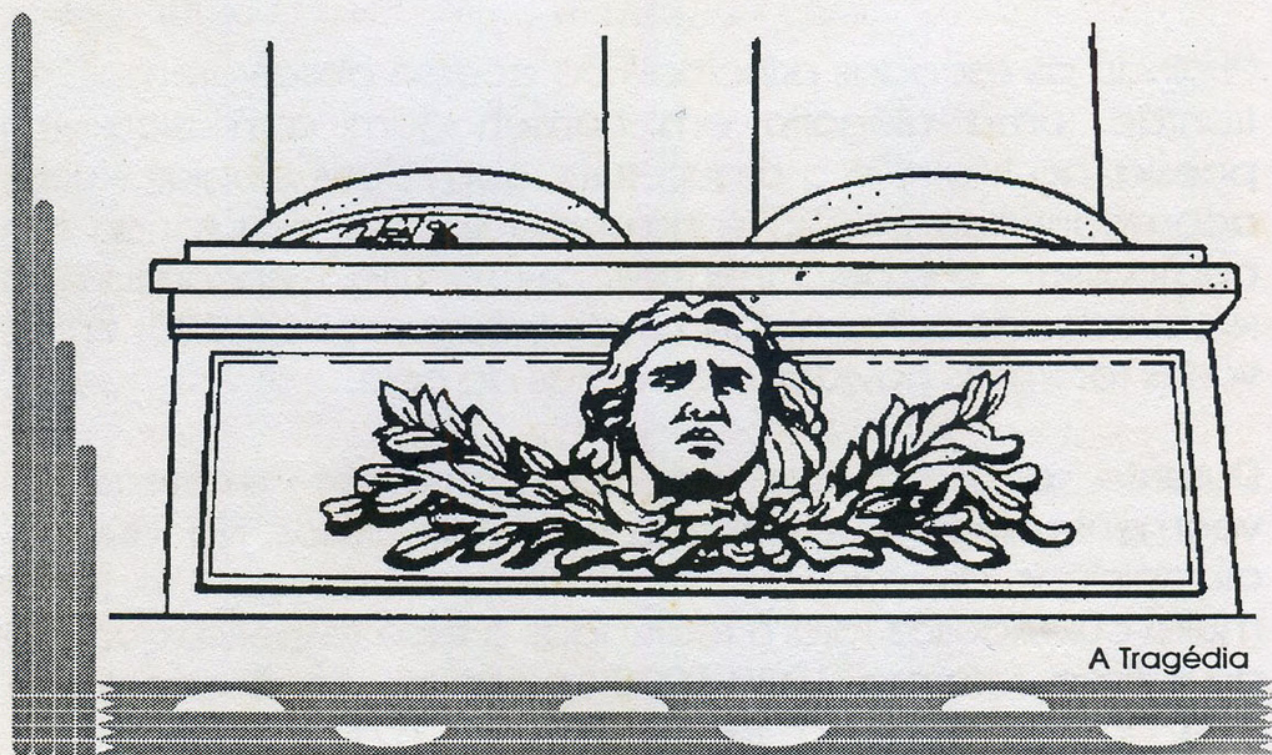
Subindo as escadas principais de acesso observaremos, no frontão, uma alegoria em homenagem à música, à poesia, ao teatro e à arquitetura, com duas elegias - uma acompanhada por lira e máscara e outra segurando um compasso e pergaminhos. No alto encontram-se registradas as datas históricas da inauguração (1896) e das várias reformas havidas até os dias de hoje.

Durante anos a cor de suas paredes externas foi veementemente questionada pelos estudiosos. Na dúvida, as opiniões divergiam entre o cinza e o rosa. Pesquisas muito cuidadosas foram realizadas a esse respeito, quando da última reforma (1989/1990) e chegou-se à conclusão que, ao que parece, o teatro não estava ainda pintado na

época de sua inauguração. No entanto, pelas evidências, a primeira pintura teria sido feita efetivamente em róseo.

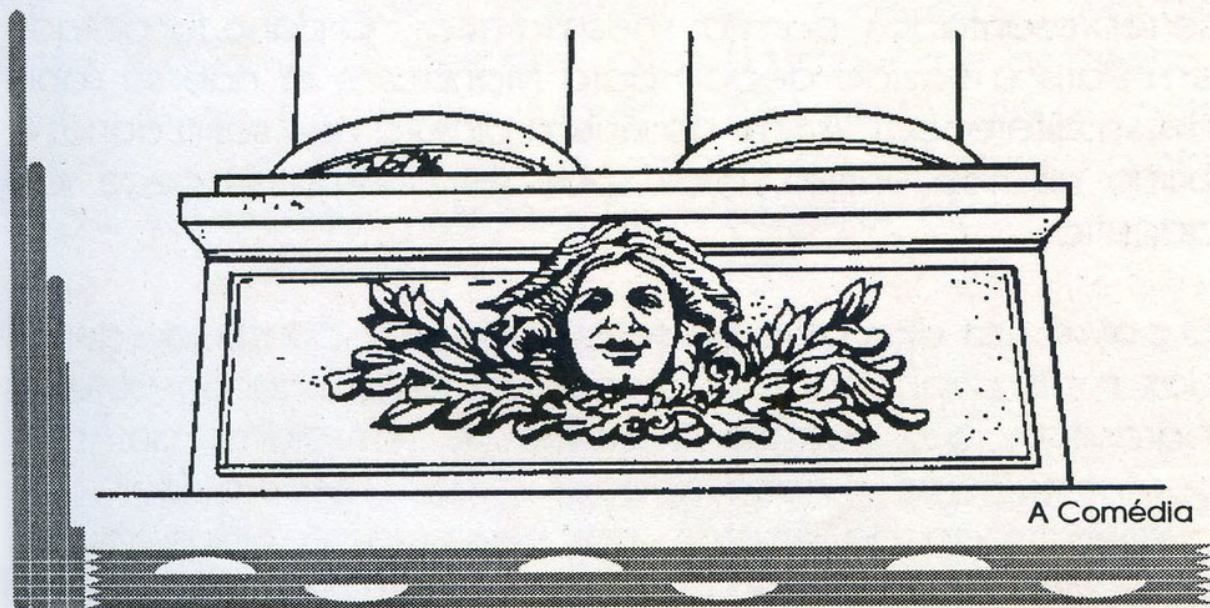
Erguem-se em frente à fachada duas estátuas - à esquerda uma mulher, tendo às mãos uma lira estilizada com os contornos de um casco de tartaruga, simboliza a música; e à direita uma mulher, com pena e prancheta às mãos, simboliza a poesia.

Em estilo neoclássico, com adaptações regionais (tais como as calhas que saem das máscaras), vê-se ao lado esquerdo da fachada o baixo relevo de um rosto sorridente, a comédia, personificada pela musa Thalie e, ao lado direito, a fisionomia fechada da tragédia, caracterizada pela musa Melpomene. Essas representações, inclusive, são notadas em vários pontos da parte externa do prédio.



O revestimento do piso ao redor do teatro foi especialmente fabricado com uma liga de borracha para que o forte ruído das rodas das carroças pudesse ser abafado.

Penetremos agora no prédio ...



No "foyer" da entrada observam-se, ainda, antigos bancos de ferro em estilo "art-nouveau". Os pedestais das colunas e o piso são em mármore de Carrara. A sala de espetáculos (a platéia), com 685 lugares, mostra-se em seu estilo original após a reforma havida em 1989 que, apoiada em cuidadosas pesquisas, primou pela obediência aos padrões originais, exceto o veludo das cadeiras em jacarandá (originalmente em palinha) e do sistema de refrigeração central.

O pano de boca, com 195 m², confeccionado pelo artista pernambucano Crispim do Amaral, cenógrafo da

"Comédie Française", em Paris, faz alegoria ao "Encontro das Águas" (dos rios Negro e Solimões) e mostra grandiosa pintura da deusa IARA circundada por aspectos da flora e fauna regionais.

Interessante é que, ao contrário da realidade, na alusão ao "Encontro das Águas", os rios (negro e barrento) encontram-se representados com a mesma cor... O pano foi pintado em Paris e trazido depois para Manaus e lá não se sabia dessa diferença! A fim de que a pintura não sofra danos o pano não se enrola, mas sobe reto numa só peça teto adentro.

O palco nos dias atuais é sofisticado. Foi construído dentro dos mais avançados padrões e é acionado por sistema hidráulico, que permite a subida e descida de nível conforme as necessidades do espetáculo. Na apresentação de óperas, por exemplo, a orquestra fica comodamente alojada no fosso, em frente ao palco.

O teto mede 220 m² e foi concebido em Paris, nos ateliês da "Maison Carpezot". Observando-se atentamente a pintura tem-se a impressão de estar embaixo da Torre Eiffel (Paris), na época recém-inaugurada, em comemoração aos cem anos da Revolução Francesa, representava o protótipo do modernismo da arquitetura. Observa-se, entre as bases da torre, quatro interessantes cenas alegóricas representando a dança, a música, a tragédia e - por último - uma homenagem à Carlos Gomes com motivos das óperas "TOSCA", "CONDOR" , "O GUARANI" e " LO SCHIAVO" , todas de sua autoria.

Importado da França, o lustre central desce ao chão para permitir a reposição das lâmpadas.

As grades dos camarotes, as colunas e todas as peças de ferro da sala, foram importadas da França .

Ao redor da sala observam-se máscaras teatrais homenageando os grandes vultos da música e do teatro, desde os gregos antigos (Ésquilo e Aristófane) até os mais recentes Verdi (ainda vivo na época da inauguração do teatro), Shakespeare, Molière, Rossini, Schiller, etc.

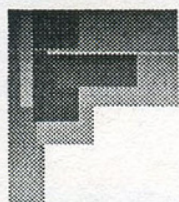
Carlos Gomes (1836/1896)

Compositor brasileiro nascido em 1836, em Campinas/SP. Aos 24 anos era o regente da Orquestra do Lírico Fluminense. Enviado à Milão, na Itália, pelo Imperador D. Pedro II, em 1863, realizou vários estudos e, em 1866, obteve sua carta de Maestro Compositor. A partir de 1881 sua vida liga-se definitivamente a Belém (Pará) e no final do Século XIX torna-se a grande glória da música brasileira.

Morre em Belém, em 1896, e tem funerais comoventes. Sua obra mais conhecida é a ópera "O GUARANI", influenciada por Verdi e Ponchielli e baseada no romance indigenista do mesmo nome, de José de Alencar.

O teatro foi oficialmente inaugurado em 31/12/1896, com uma apresentação local. Em 1897 é exibida a ópera LA GIOCONDA, de Ponchielli, com letra de Arrigo Boito, inspirada na peça de Victor Hugo "ANGELO, TYRAN DE PADOUSE" , pela Companhia Lírica Italiana.

As apresentações das grandes companhias européias prolongaram-se até 1907, quando a Companhia Lírica Francesa encerrou o ciclo áureo do teatro, com a apresentação da ópera LA JUIVE, de Halévy. Inicia-se o declínio do lucrativo comércio do látex e o teatro entra em uma triste fase de abandono, ao ponto de ter suas galerias utilizadas como depósitos de borracha, durante a 2ª. guerra mundial.



O Salão Nobre

No segundo piso localiza-se o salão nobre, que naquela época era frequentado por visitantes ilustres, durante os intervalos dos espetáculos, para conversas e fumo ou, ainda, para elegantes bailes que reuniam a nata da sociedade manauara. O piso deste salão, confeccionado em madeiras brasileiras e européias (pau-brasil, carvalho, pinho de Riga, jacarandá, etc.), é constituído de 12.000 peças, encaixadas sem a utilização de pregos ou cola.

O desenho do piso é atribuído a Domenico de Angelis que, auxiliado pelos artistas também italianos Francisco Alegiane, Adalberto de Andreis e Sílvio Centofanti (autor dos murais da Igreja de São Sebastião), pintou ainda o teto e as paredes.

Domenico de Angelis

Pintor italiano ligado ao ateliê do Prof. Capranese, em Roma, que também trabalhou na decoração do Teatro da Paz, em Belém/PA.

O teto, de 125 m², datado de 1899, é o segundo do Brasil pintado com motivos profanos e representa a "Glorificação das Belas Artes na Amazônia". Alguns detalhes foram realizados em ouro de 14 quilates. A obra produz uma fantástica ilusão de movimento: o observador, ao deslocar-se, tem a sensação de que certos detalhes do conjunto também se movimentam.

Sabe-se que o Salão Nobre foi acabado depois da inauguração da sala de espetáculos, em 1899.

Nas paredes, Domenico de Angelis pintou falsos "gobelins", imitando tapeçaria, com alegorias enfatizando a fauna, flora e comércio local; os igapós; a pesca no Rio Negro; aspectos da cidade; vista do Rio Amazonas e a cena final da ópera O GUARANI (de Carlos Gomes), com o índio Peri salvando Ceci de um incêndio. Os quadros foram pintados em tela e afixados depois de prontos.

As colunas têm base em mármore de Carrara e o corpo estucado para dar a impressão de tratar-se de ferro. Sobressaem magnificamente trinta e dois candelabros em cristal de Murano, portas com moldura em mármore de Verona e dois grandes espelhos importados da França - colocados de forma a refletirem-se um ao outro, dando idéia de infinito - são importantes detalhes que complementam a grandiosidade do conjunto. Este tipo de recurso é típico dos estilos barroco e rococó.

Os móveis são brasileiros, fabricados no Rio de Janeiro.

No terraço, vários bustos homenageiam os grandes

virtuosos da música e do teatro, inclusive o compositor Carlos Gomes (de O GUARANI) e o dramaturgo João Caetano (1808-1863), que fundou em 1833 a primeira companhia dramática do Brasil, em Niterói.

Na fase áurea da borracha o teatro possuía móveis importados da Europa; porcelanas chinesas, francesas e japonesas; bibelôs de Sévres (centro de fabricação de cerâmica de luxo, próximo a Paris) ; tapetes e cortinas da Síria (Damasco). Na verdade, quase tudo foi importado da Europa, com exceção do material elétrico que foi adquirido na América (Nova York), especialmente porque o "chic" se encontrava lá... e Manaus era muito "chic" ... Muitas das peças outrora adquiridas hoje não mais existem.

Muitas estórias são contadas acerca da apresentação no Teatro Amazonas de lendárias personagens do teatro e da música. Caruso e Sarah Bernard, que estiveram no Brasil, jamais vieram até Manaus. No entanto, numerosos artistas, famosos na época, se apresentaram em seu palco, destacando-se Giovanni Emanuel, Lucila Perez, Josefina Rebledo, Guiomar Novais e Heitor Villa-Lobos, uma vez que Manaus fazia parte do circuito dos navios que traziam as grandes companhias de espetáculos para a América do Sul e para os Estados Unidos da América.

Em 1996, em comemoração ao centenário do teatro, apresentou-se o tenor espanhol José Carreras, junto com a Orquestra Sinfônica Brasileira. Assim, a Opera de Manaus (Teatro Amazonas) ainda faz juz à tradição de seu glorioso passado.

O Scala, de Milão e o Palácio Garnier, de Paris

Duas casas de espetáculo serviram de modelo ao TEATRO AMAZONAS - o SCALA, de Milão e o Palácio GARNIER, de Paris. O Palácio GARNIER, Opera de Paris, com 2.156 lugares, foi construído entre 1862 e 1875, durante as grandes obras de reforma de Paris, dirigidas pelo Barão Haussmann, no 2º. Império. O SCALA, de Milão, com 3.600 lugares, é mais antigo e foi construído em 1776 - trata-se de um dos maiores teatros do mundo.

Saindo do teatro, dirija-se à parte de trás...

Nos terraços laterais duas estátuas (de um homem e uma mulher) representam índios segurando tochas.

Aos fundos duas belas estátuas femininas chamam a atenção - a da direita empunha uma espada e a da esquerda mostra-se envolvida em pesada túnica desde a cabeça, segurando um ramo de flores.

Interessante observar na parte lateral e nos fundos do teatro que existem suspensas interessantíssimas luminárias em estilo antigo.

Do terraço posterior do teatro tem-se uma belíssima vista do Palácio da Justiça.



O Palácio da Justiça

Descendo as escadarias estaremos em frente ao imponente Palácio da Justiça. Sua edificação, iniciada pela firma inglesa MOERS & MORTON, em 1894, na gestão do Governador Eduardo Ribeiro, é completada em 1900, na gestão do Governador José Cardoso Ramalho Júnior, por uma firma brasileira.

Durante todos esses anos o prédio manteve-se sempre com a sua destinação original de abrigar a sede do Poder Judiciário.

O estilo da construção foi inspirado na arquitetura do 2º império francês, acrescentado de elementos tardios do neoclassicismo inglês.

A edificação de dois pavimentos teve sua aparência externa cuidadosamente preservada ao longo de mais de um século.

O térreo tem revestimento de alvenaria, com tratamento de bossagem, janelas e portas em arco pleno e colunas do pórtico da ordem toscana. O segundo andar caracteriza-se por alvenaria lisa, janelas de púlpito de verga reta, com frontões curvos e triangulares e colunas do pórtico da ordem composita.

A escada monumental da fachada é de mármore.

Na parte superior da fachada uma grande estátua de TEMIS (a deusa grega da Lei e da Justiça), de olhos

desvendados, segura à mão direita uma espada e à esquerda uma balança. Embaixo um medalhão onde se lê - LEX (Lei). Ao contrário das representações comuns da Justiça verifica-se que a estátua não tem venda sobre os olhos, o que a torna bastante incomum, uma vez que Têmis é tradicionalmente apresentada cega. Por outro lado, ainda, nota-se que a balança em suas mãos pende, em desequilíbrio, para um dos lados.

O interior é barroco, com profusão de ornamentos.

Por tratar-se de uma repartição pública a visitação é bastante restrita.

Observa-se, ainda, bem na esquina da Av. Eduardo Ribeiro com a Rua 10 de Julho, em frente ao Palácio da Justiça, os vestígios dos trilhos de bonde. Manaus, rica em borracha, foi uma das primeiras cidades brasileiras a possuir bondes elétricos, desde o final do século XIX, antes inclusive das grandes cidades do leste-sul.

Manaus e os Bondes

Em 1889 foi inaugurada em Manaus a primeira linha de bondes. Em 1893, sob a gestão do Governador Eduardo Ribeiro, novo impulso é dado ao serviço. Em 1896 é inaugurado o Serviço de Viação Pública, que levava os passageiros do centro para os subúrbios e vice-versa. Finalmente, em 1908, a empresa passa a ser administrada pelos ingleses da "The Manaus Tramways and Light Co. Ltd.". A pontualidade britânica reflete-se na obediência rigorosa dos horários e o bonde passa a ser referencial sempre que se desejava saber as horas. Até o ano de 1939 não havia em Manaus outro meio de transporte coletivo além do bonde.

Atrás do Palácio da Justiça, na Rua 10 de Julho, localiza-se o hospital SANTA CASA DE MISERICÓRDIA, construído em estilo eclético.

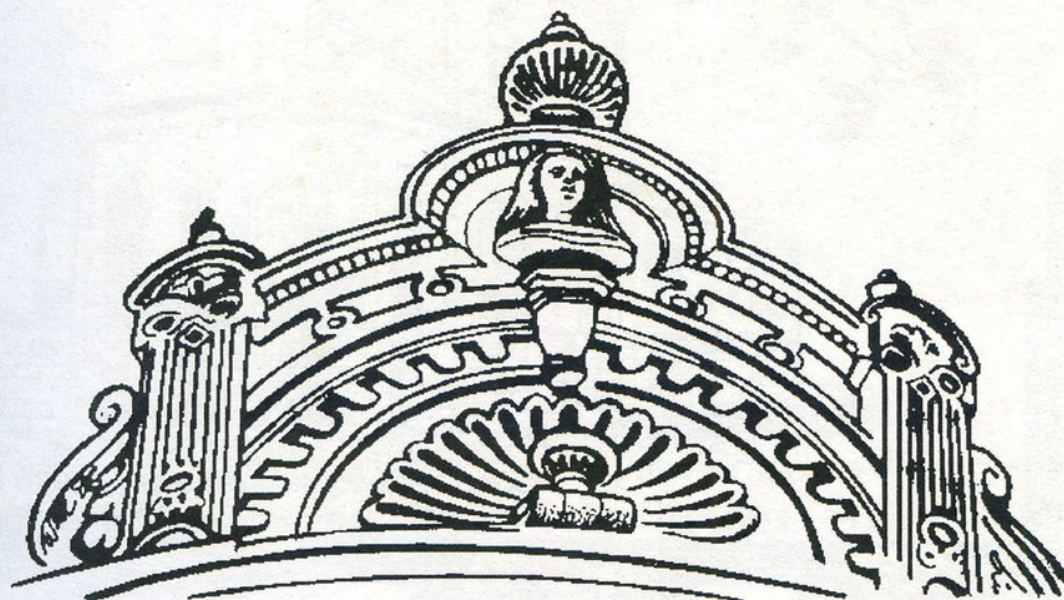
A data de 10 de Julho é alusiva à comemoração da libertação dos escravos no Amazonas, ocorrida em 1884, quatro anos antes da abolição no Brasil.

Diversas fachadas de casas particulares, em diferentes estilos arquitetônicos, datando da época áurea da borracha, poderão ser notadas.

Na esquina da Av. Eduardo Ribeiro com a Rua Monsenhor Coutinho situa-se o IDEAL CLUBE (um prédio verde), famoso desde a época da borracha e até hoje ainda um dos mais frequentados pela elite manauara.

Dobre a esquerda e entre na Rua Monsenhor Coutinho. A cinquenta metros localizam-se dois prédios muito interessantes - um utilizado como funerária e outro como laboratório de análises (pela parte interna ambientado historicamente), ambos datados do início do século. Vale a pena entrar no pátio e observar mais de perto. O pessoal é especialmente amigável com os visitantes.

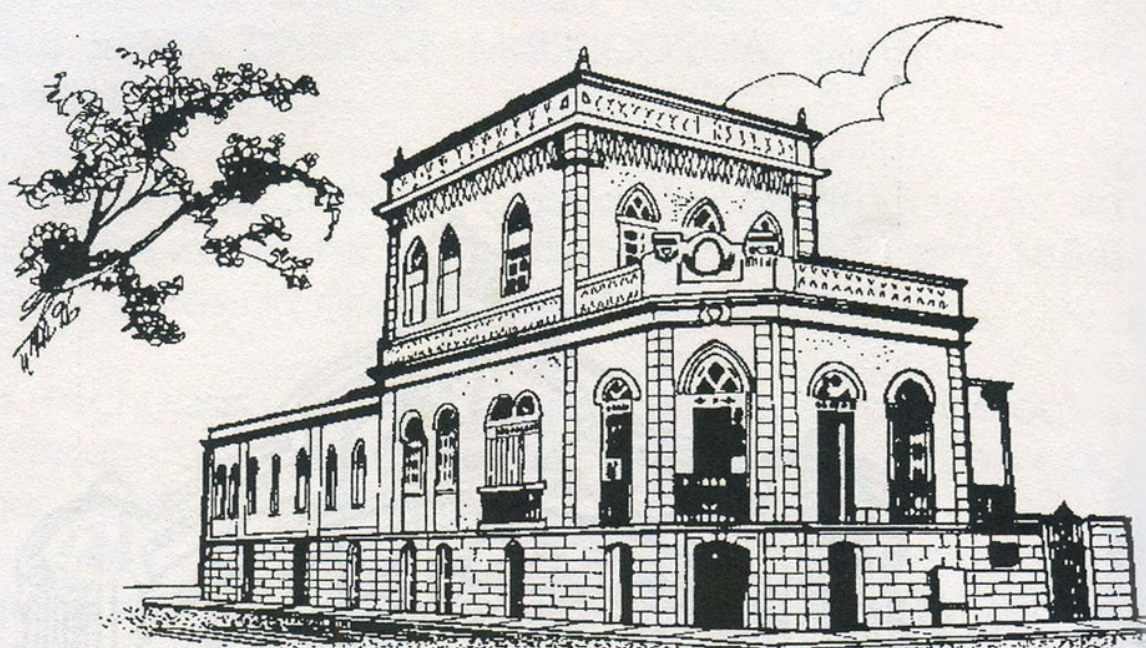
Rua abaixo, à esquina da Monsenhor Coutinho com a Rua Ferreira Pena, situa-se o Consulado do Japão. O prédio é antigo e possui detalhes arquitetônicos interessantes, como um busto de mulher no canto da casa, dominando o frontão. Manaus tem uma colônia japonesa e numerosos navios de bandeira nipônica aportam frequentemente em seu cais.



Detalhe da casa onde funciona o Consulado do Japão
(esquina da Ferreira Pena com a Monsenhor Coutinho)

Dobre agora à direita, na Rua Ferreira Pena, até o cruzamento com a Rua Ramos Ferreira.

Na esquina ergue-se um belo casarão, datando de 1909, recentemente reformado. As cores, em tons pastéis, combinam entre si ressaltando detalhes arquitetônicos interessantes. Pelas janelas do térreo, vê-se um belíssimo porão, com abóbadas em pedra, antiga adega e hoje um salão de negócios.



Casa na esquina da rua Ferreira Pena
com a rua Ramos Ferreira

À esquerda vê-se a Praça Cinco de Setembro, também chamada de Praça da Saudade, pois no passado havia um cemitério às suas proximidades, no mesmo lugar onde hoje está localizado o Atlético Rio Negro Clube.

A praça é arborizada com sibiripirunas (*Caesalpinia pelthoroides benth*), allamandas, papoulas e "frutos de cachorro" (*Dillenia indica* L). Ao meio ergue-se um monumento erguido em homenagem a Tenreiro Aranha, que foi o 1º presidente da Província do Amazonas.

Tenreiro Aranha e o cinco de setembro

No Século XIX, a região de São José do Rio Negro ainda encontrava-se subordinada à administração de Belém (Pará). Em 1844, inconformado com a situação, João Batista de Figueiredo Tenreiro Aranha inicia

renhida luta com o móvel de conseguir a independência e, assim, nasce em cinco de setembro de 1852 a Província do Amazonas, que tem o próprio Tenreiro Aranha como 1º presidente. Grande trabalho social e cultural é realizado até 1852. Vítima, porém, das intrigas e perseguições morre Tenreiro Aranha, pobre e esquecido, em 1862.

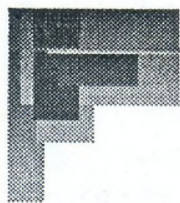
Na época da independência da Província do Amazonas a capital ainda não se chamava Manaus. Em 1848, é elevada à categoria de cidade, com o nome de Barra do Rio Negro, com mais ou menos 600 habitantes. Só em 1856 é que o nome Manaus, subtraído de uma das tribos indígenas do Rio Negro, vai identificar a cidade.

Ainda na Praça da Saudade, no trecho que ladeia a Rua Ferreira Pena, pode-se observar um chafariz moderno, que exibe duas esculturas curiosas, uma representando um homem pré-histórico segurando um machado de pedra e outra reproduzindo um homem moderno.

Na esquina da praça com a Rua Simão Bolívar vê-se outro prédio antigo, em estilo árabe. Trata-se do Palácio Cinco de Setembro.

Retorne pela mesma Rua Ferreira Pena e dobre a esquerda, na Rua Ramos Ferreira, até a Praça do

Congresso, no final da Av. Eduardo Ribeiro.



A Praça do Congresso

Seu nome homenageia o Congresso Eucarístico Diocesano de Manaus, que em 1942 comemorou os 50 anos de criação do bispado, quando gigantesca procissão fluvial aconteceu, de Belém até Manaus, subindo o rio Amazonas. O monumento que se ergue, em frente ao Instituto de Educação do Amazonas, representa N.S. da Conceição, a Padroeira do Amazonas, e também comemora o quarto centenário da descoberta do Rio Negro, em 1542, por Francisco Orellana - a primeira visão do rio Negro pelos homens brancos.

Esta praça foi reformada pela CCE da Amazônia em 1995.

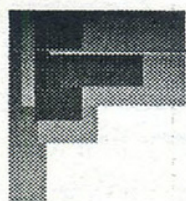
Dela avista-se a Avenida Eduardo Ribeiro em toda a sua extensão. Às suas costas vê-se o Instituto de Educação do Amazonas (IEA), que ocupa o mesmo lugar onde na época da borracha teria sido iniciada a obra do Palácio do Governo, jamais concluída. Pouco se sabe acerca do prédio atual.

Seguindo pela Rua Ramos Ferreira tem-se à direita uma bela vista da cúpula do Teatro Amazonas e à esquerda, mais a frente, um dos prédios mais representativos da saudosa época da borracha, o Instituto Benjamim Constant, nome do grande republicano que propagou no Brasil as idéias positivistas de Augusto Comte.

Em estilo antigo, vê-se o prédio da Academia Amazonense de Letras, na esquina da Rua Ramos Ferreira com a Rua Tapajós. Trata-se de construção antiga, com bela fachada, que data da época da borracha, quando abrigava uma escola. É mais um exemplo do carinho e da preocupação dos governantes da época com relação ao ensino público.

Em frente à Academia não deixe de visitar a banca de "tacacá" da Dona Maria, que funciona somente ao entardecer. O "tacacá" é um representante típico da gastronomia da Amazônia, servido em cuias e preparado com uma mistura de goma e tucupi (produtos extraídos da mandioca), camarão e jambu (erva de sabor muito especial). É imperdível. A banca da Dona Maria também oferece outras delícias da cozinha local.

Continue a caminhada pela Rua Ramos Ferreira, até o nº 1.036, casarão que abriga o Museu Amazônico.



O Museu Amazônico

O Museu Amazônico foi fundado pela Universidade do Amazonas, em 1991, e funciona como órgão de apoio e pesquisa nas áreas da história, antropologia e arqueologia.

O museu apresenta exposições temporárias sobre assuntos culturais amazônicos e possui grande acervo de livros, documentos originais, fotografias, filmes e microfilmes, o que permite um amplo acesso às informações sobre a região desde o Século XVII. Encontram-se ainda guardados

importantes documentos sobre a Amazônia colonial, imperial e sobre a república, microfilmados do Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa, da Biblioteca Municipal do Porto e da Sociedade Geográfica de Lisboa. O Museu Amazônico abriga, ainda, um espetacular conjunto de 3.200.000 documentos pertencentes ao Fundo J.G. de Araújo (firma exportadora/importadora estabelecida em Manaus desde 1879), que registram com fidelidade a história sócio-econômica da Amazônia, desde a época da borracha até dias mais recentes.

Pode também ser visto o extraordinário acervo da obra do fotógrafo e cineasta português Silvino Santos, o maior documentarista visual da Amazônia, que viveu no período de 1886/1970, representado por cerca de 1.500 negativos em chapa de vidro, dois filmes curta-metragem 16 mm ("O Fim do Pioneiro" e "1922, A Exposição da Independência") e várias peças de seu laboratório fotográfico particular.

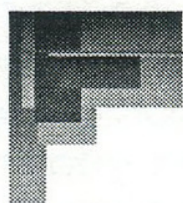
Silvino Santos (1886/1970)

Nascido em Portugal, sonhava desde cedo em conhecer a Amazônia. Em 1913 iniciou seu trabalho como cinegrafista, na Peruvian Amazon Company. Em 1922 é contratado pela firma amazonense J.G. de Araújo, para quem realizou vários documentários e centenas de fotografias, retratando com extrema sensibilidade aspectos sociais, citadinos, indígenas e selvagens da Amazônia.

Retorne pela Rua Ramos Ferreira, vire à esquerda na Rua Tapajós e desça em direção à Praça São Sebastião (aquela do teatro). À direita encontram-se o Luso Sporting Clube, com sua arquitetura "manuelina" copiada dos

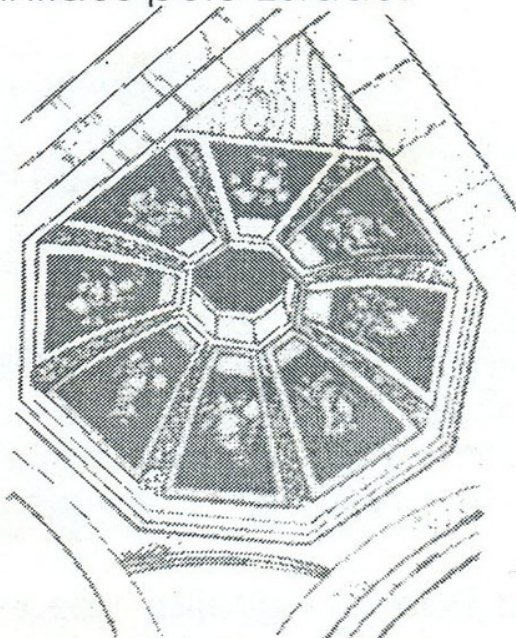
prédios de Portugal, fundado e administrado pela comunidade portuguesa; e o Centro de Artes Hanemann Bacelar (também chamado de Centro de Arte da Universidade do Amazonas - CAUA), que oferece concertos de jazz, clássicos e música regional, exposições de pintura e escultura, sessões de cinema e vídeo, livraria e mantém numerosas oficinas de arte.

De volta à praça entre agora na Igreja de São Sebastião...



A Igreja de São Sebastião

A construção do prédio da igreja, sob a direção de Gesualdo Machetti de Lucas, data de 1888. Com o fim do Império e consequente Proclamação da República a obra sofreu atrasos em decorrência do corte de recursos anteriormente garantidos pelo Estado.



Detalhes da Igreja São Sebastião (anjos da cúpula)

O prédio é em estilo neoclássico, com alguns elementos medievalistas. Muitos dos objetos originais, tais como vasos sacros de ouro e porcelana, já não mais existem. Estão intactas as pinturas que cobrem o teto, desde a entrada até o altar, incluindo a cúpula e as paredes. Trazidas da Itália e afixadas no local são de autoria de Sívio Centofanti, Francisco Campanella e Ballerini. A maior delas, pintada por Ballerini no teto, logo à entrada, mostra o martírio de São Sebastião; na base da cúpula retrata os quatro evangelistas; e na própria cúpula a "Glória do Céu" com oito anjos. Nas laterais da nave existem telas representando São Pedro e São Paulo. A capela lateral, à esquerda, abriga um interessantíssimo presépio em tamanho natural, com um grande camelo, trazido da Europa por uma rica família manauara. Na capela-mor existe uma bela estatueta de São Sebastião, ladeada por três vitrais modernos e quatro telas de inspiração franciscana, assinadas por Francisco Campanella. A "Via Crucis" (a observação é dificultada uma vez que localiza-se muito em cima) é notável, com seus quadros em relevo. A fachada tem somente um sineiro - o segundo jamais foi construído. Certos autores dizem que infiltrações de água motivaram a paralisação das obras, que nunca mais foram reiniciadas. Outros dizem que o mestre de obras teria fugido com o dinheiro destinado à construção...

Voltamos ao ponto de partida. Fim do roteiro.

Existem pelos arredores muitos bares interessantes, especialmente o tradicional Bar do Armando, onde se pode saborear uma cervejinha ou um bom refrigerante supergelados.

Este circuito se faz em aproximadamente duas horas.

Teatro Amazonas - visitas de Segunda a Sábado, das 10 às 17 Hs., com guias políglotas e ingresso pago. Rua Tapajós, s/n (Praça São Sebastião) Fone: 622-1880.

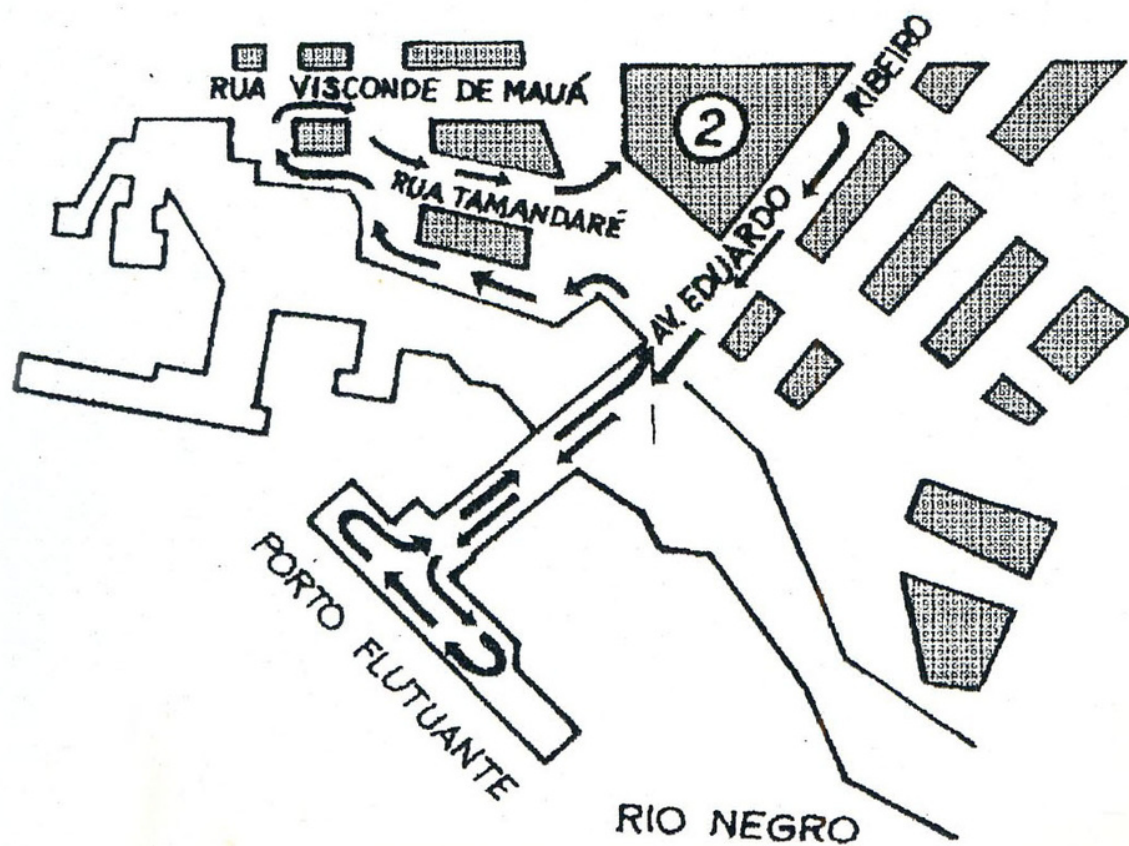
Museu Amazônico - visitas de Segunda a Sexta, das 08 às 12 Hs. e das 14 às 18 Hs., entrada franca. Rua Ramos Ferreira, nº 1036 Fone: 234-3242.



Caminhando por Manaus

Ao Redor do Porto

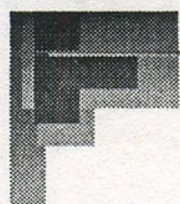
Errata



Roteiro 2

Saída da Praça da Matriz, que se localiza exatamente no centro da área comercial mais antiga de Manaus. Desde 1864 a praça teve diferentes nomes e passou por várias reformas e embelezamentos.

Exatamente no centro da praça ergue-se, imponente, a Catedral de Manaus, erguida em homenagem a N.S. da Conceição, a Padroeira do Estado do Amazonas.



A Catedral de Manaus

Data de 1695 a construção da primeira igrejinha, edificada no mesmo sítio, em madeira e palha, obra dos religiosos carmelitas que chegaram à aldeia de São José do Rio Negro (hoje Manaus), após a edificação do forte pelos portugueses, em 1669.

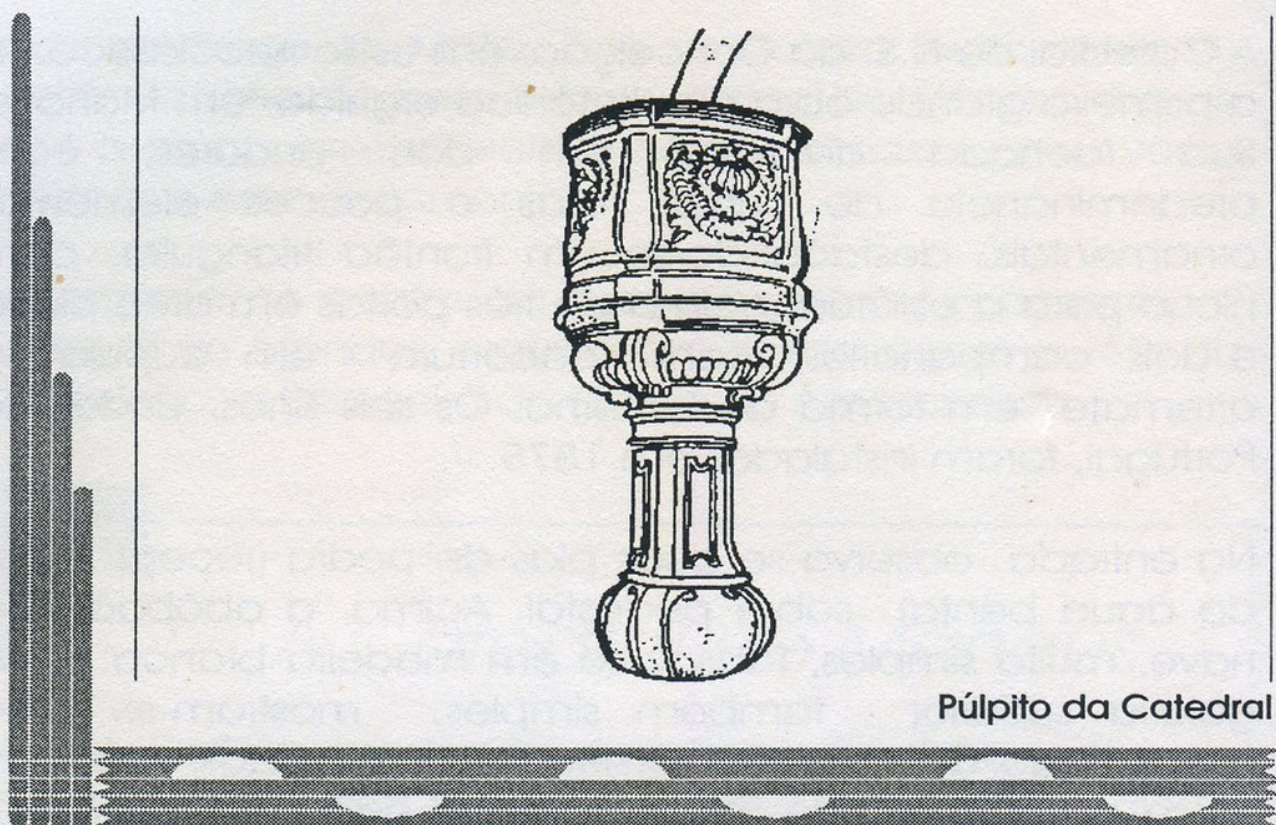
Demolida no final do século XVIII pelo estado precário em que se encontrava dá lugar a uma nova edificação, que também desaparece em incêndio ocorrido pelos idos de 1850,

Em 1858 é lançada a pedra fundamental da nova igreja, mas 20 anos foram gastos até a sua conclusão. Devido à falta de material de construção (pedra, especialmente) e mão-de-obra especializada, arrasta-se lentamente a construção do novo edifício. O andamento das obras é ainda prejudicado pela ausência de recursos, que levam à criação de uma loteria, em 1865, com o objetivo de angariar fundos para a aceleração dos trabalhos. Os recursos obtidos, todavia, são insuficientes.

A Catedral de N.S. da Conceição, em estilo neoclássico, é a primeira grande obra arquitetônica erguida em Manaus. Sua fachada divide-se em dois andares, com predominância de linhas retas e poucos elementos ornamentais, destacando-se um frontão triangular, com nicho para a estátua, acima de três portas em arco pleno e dois campanários, com cobertura em cúpula e arremate em forma de lanterna. Os seis sinos, vindos de Portugal, foram instalados em 1875.

Na entrada observa-se duas pias de pedra (receptáculos da água benta) sobre pedestal. Acima, a abóbada da nave, muito simples, fabricada em madeira branca; e na galeria superior, também simples, mostram-se uma balaustrada de madeira e medalhões pintados. À direita, vê-se o mausoléu de mármore onde estão guardados os restos fúnebres do primeiro bispo de Manaus, Dom José Lourenço da Costa Aguiar, falecido em 1905, em Lisboa. À esquerda situa-se belo e sóbrio batistério, em mármore, obra do francês Joseph Gaune, terminado em 1874. Ao lado esquerdo do transcepto observa-se medalhão pintado com o escudo de Manaus, altar em pedra de Lioz e capela dedicada a Jesus Cristo. Do outro lado nota-se um medalhão com pintura alusiva ao centenário da criação da congregação do Coração de Maria, no Amazonas, altar em pedra de Lioz e capela dedicada à Virgem Maria. O altar da Capela Mor, em mármore, executado em 1874, é - como o batistério - também obra artística de Joseph Gaune.

Adentrando-se à nave pode-se ver dois elegantes púlpitos esculpidos frente a frente. Trata-se de peças que não são utilizadas, talvez pela falta de escadas de acesso.



Púlpito da Catedral

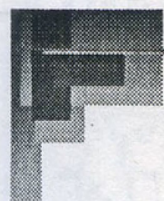
No coroamento do altar ergue-se singela escultura de N.S. da Conceição, ladeada por dois anjos; e no retábulo, ainda, destaca-se uma estatueta da Virgem Maria.

Surpreendentemente interessantes, as pinturas existentes no coro da Catedral impressionam pela sua modernidade. No teto, vê-se a coroação de Nossa Senhora, de inspiração barroca. Nas laterais várias representações (no meio de anjos e nuvens) da Virgem Maria e da história das missões na Amazônia, especialmente em Manaus. Ao lado direito, observa-se uma belíssima representação da primeira aldeia que existiu nessa região, simbolizada - na imaginação do pintor - por uma fortificação portuguesa repartindo espaço com a primeira igrejinha de palha e o elemento indígena dominante. Ao lado esquerdo, vê-se quadro retratando a própria igreja matriz tendo à frente secular chafariz, ainda hoje existente. O chão é todo

revestido em ladrilhos de pedra imitando mármore, importados da Europa. A história da catedral é toda assinalada por grandes dificuldades, especialmente aquelas relacionadas à ausência de recursos. Quase acabada, por exemplo, a obra não pôde ser inaugurada pela falta de fundos para a compra dos materiais litúrgicos. Finalmente, em 1878, a catedral é benta e inaugurada.

Nos dias de hoje a Catedral ainda enfrenta sérias dificuldades para se auto manter. Em 1995, em repetição da própria história, seus administradores são forçados a organizar um blngo para reunir recursos em prol de reformas inadiáveis.

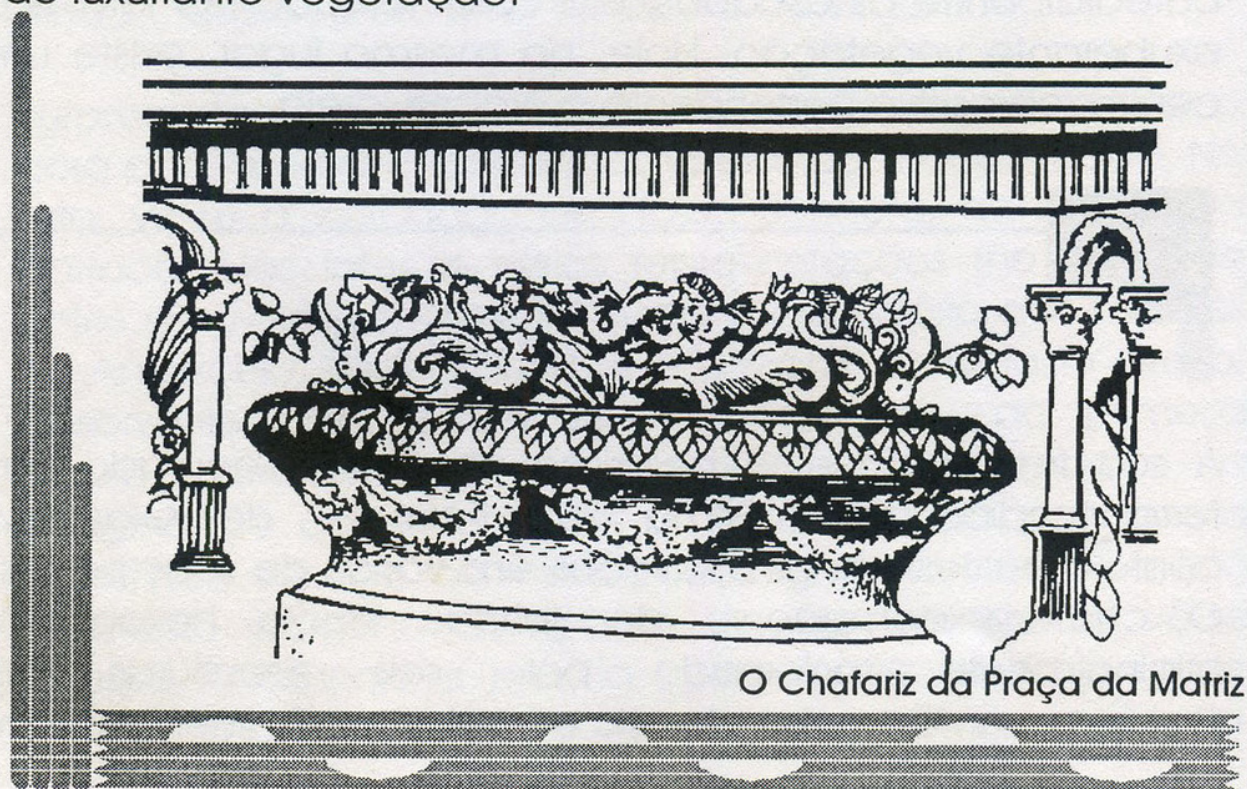
Saia da igreja e desça as escadas localizadas na parte frontal do prédio. As duas escadas, juntas, formam um conjunto interessante, que sugere distintamente a forma de uma lira. Durante muitos anos o local situado na frente da catedral, entre as escadas, era caracterizado por jardins e exuberante vegetação. Hoje, no mesmo lugar, existe um centro recreativo pertencente à própria igreja.



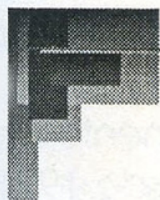
O Chafariz

À sua frente ergue-se belíssimo chafariz, executado em ferro fundido pela Firma Sun Foundry, de Glasgow, conforme atestam as inscrições em várias de suas peças. O chafariz compõe-se de grande bacia hexagonal, originalmente adornada por seis esculturas (três meninos sentados segurando espadas e três meninos em

pé carregando cântaros), distribuídas em cada vértice. Lamentavelmente, quatro das seis esculturas perderam-se durante as várias reformas realizadas, ao longo dos anos. À frente de cada uma das que restam vê-se a escultura de um cisne e a identificação do fabricante. No piso da bacia hexagonal notam-se fontes ladeadas por esculturas de meninos. Bem ao meio da bacia eleva-se, uma base quadrangular, que assenta o corpo principal do chafariz. Notam-se esculturas de ferro de meninos carregando bacias, dispostas em cada ângulo. Embaixo de cada menino existem delicadas esculturas de cobras surgindo da vegetação entre duas colunas. Vê-se esculpidas interessantes representações de Netuno simetricamente dispostas por dentre bucólica folhagem. O monumento tem como base um grupo de doze anjinhos dançando e, coroando a beleza do conjunto, uma bela estátua de Vênus, em trajes antigos, equilibrando um vaso à cabeça, acompanhada por quatro tocadores de trombetas. A base superior da bacia mostra alto relevo com cobras no meio de luxuriante vegetação.



Em 1995, com a reforma do chafariz, construiu-se uma cerca de proteção para impedir a depredação.



O Relógio Municipal

Do outro lado da praça, na Av. Eduardo Ribeiro, situa-se o pitoresco Relógio Municipal. O mecanismo do relógio foi importado da Suíça e montado, em base de pedra, pela firma local Pelosi & Roberti. Muito eficiente até os dias de hoje, o som que produz à cada hora é cativante. Os manauaras o chamam às vezes de Big Ben, em alusão ao famoso relógio inglês, devido ao som que produz.



O Relógio Municipal

À esquerda observe o prédio dos Correios, construído na época áurea da borracha. O prédio foi internamente modernizado, em 1985, após o incêndio havido em 1982. Entretanto, sua fachada - recoberta de tijolos envernizados em diversas cores - teve seu estilo e arquitetura preservados. Nota-se a presença de quatro pavimentos e, na parte superior, vê-se elegante balaustrada. Desde 1921 a construção abriga os Correios.

O prédio dos Correios é um feliz exemplo de respeito ao patrimônio artístico-cultural da cidade. Lamentavelmente, no transcurso dos anos, muitas edificações foram descaracterizadas e/ou demolidas. Nos dias atuais, com o esclarecimento e conscientização das autoridades e da população, cresce a preocupação com a preservação do passado da cidade e aumentam os cuidados com a manutenção dos prédios antigos.

Na avenida existem outras edificações muito interessantes e que datam da mesma época.

Caminhe, agora, em direção ao porto.

No mesmo calçadão vê-se o monumento (um simples obelisco) que registra o primeiro centenário da elevação da Vila da Barra do Rio Negro (depois Manaus) à categoria de Cidade, em 1848. No dia 24 de outubro é feriado em Manaus porque comemora-se o aniversário da cidade.

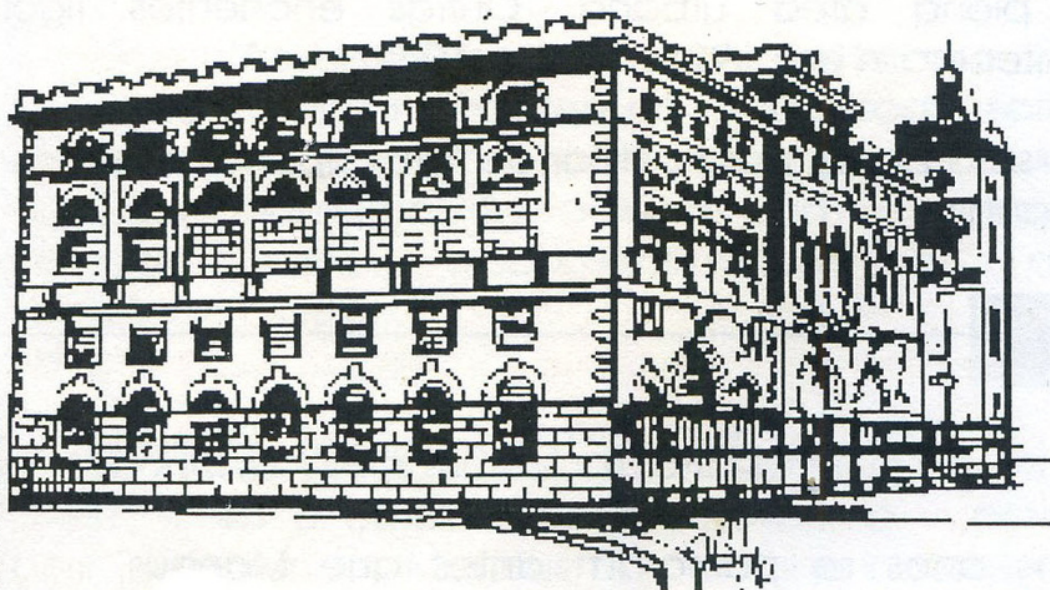
Atravesse a rua em direção à entrada do porto. À esquerda vê-se o belíssimo prédio da Alfândega.



O Prédio da Alfândega

O prédio da Alfândega, de origem inglesa, inaugurado em 1906, é considerado o primeiro prédio pré-fabricado do mundo. Foi trazido em blocos, pronto para ser montado, nos porões dos barcos britânicos que aportavam em Manaus. Seu estilo é eclético, com elementos medievalistas e renascentistas. A fachada possui três pavimentos, cada um menor que o inferior, até o terceiro que se assemelha a um sótão. No térreo existe uma grande porta em arco pleno; no segundo andar janelas unidas por colunas; e no terceiro piso envasaduras com arcos rebatidos. No frontão retangular, na frente do prédio, lê-se a inscrição "Alfândega", coroada com ameias e com a estrela republicana.

A torre, com farol (hoje desativado), orientava os navios que chegavam e partiam de Manaus.



O Prédio da Alfândega

O conjunto ainda funciona como sede da fiscalização da Alfândega.

Entre no Porto de Manaus e caminhe até a ponte flutuante. Antes de descer observe, cuidadosamente, a Tabela das Enchentes.



A Tabela das Enchentes

Localizada à direita do complexo, a tabela foi confeccionada em liga metálica anticorrosiva e registra, desde 1904, os níveis mais altos atingidos pelas águas do Rio Negro. O ano de 1953 destaca-se como aquele em que a enchente tomou drásticas proporções, submergindo - inclusive - áreas comerciais e residenciais da cidade, que se localizavam mais próximas das margens do rio. Na época, construíram-se pontes improvisadas e pela primeira vez fez-se uso de canoas para percorrer trechos alagados em plena área urbana. Outras enchentes rigorosas aconteceram em 1922, 1976 e 1989.

Dirija-se à ponte para avistar de forma panorâmica os Cais Flutuantes.



O Porto de Manaus

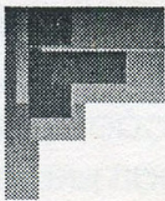
Muitos anos se passaram antes que Manaus, rica em borracha, pudesse ostentar um porto ao nível de seu

comércio e poder. Até o final do século XIX eram grandes os problemas com a atracação das embarcações. Durante a época da cheia dos rios a operação era facilitada e rampas eram utilizadas para o embarque e desembarque de passageiros e cargas. Na vazante, todavia, os problemas eram substancialmente maiores - os navios eram fundeados ao largo e a transferência de carga e passageiros era toda realizada em canoas.

Em 1902, finalmente, a firma B. Rymkiewicz ganhou a concorrência aberta pelo governo. O contrato garantia 60 anos de exploração do porto, mas rezava também que - além da construção dos cais - a firma construiria um edifício para a administração da Alfândega (o prédio visto ainda há pouco, à entrada). Rymkiewicz rapidamente transferiu o contrato para a firma inglesa Manaos Harbour Ltd., que iria efetivamente construir o cais, pontes de acesso e tudo o mais. As obras se estenderam até 1912.

O porto foi então explorado pela Manaos Harbour Ltd. até 1963, quando a firma declarou não mais poder satisfazer as exigências e obrigações contratuais, o que culminou com o cancelamento do acordo com o governo e transferência das responsabilidades à própria administração brasileira.

Findo o controle inglês nasce a Zona Franca de Manaus, em 1967, com o objetivo de promover o progresso regional, integrando Manaus comercial e industrialmente ao resto do Brasil e do mundo.



Os Cais Flutuantes

Na época da construção os acessos ao Roadway (como até hoje são popularmente chamados os cais) eram cobertos com madeira. Durante anos foi ponto de encontro da sociedade manauara. Um pequeno trem de ferro, correndo sobre trilhos dispostos por todo o cais, agilizava as operações de embarque e desembarque de mercadorias.

Hoje, o Roadway está dividido em dois setores distintos.

Na parte esquerda atracam os chamados barcos de linha (os "recreios"), que são verdadeiros ônibus fluviais da Amazônia e que carregam passageiros e cargas para outros municípios e estados amazônicos.

Do Porto de Manaus pode-se viajar para os outros municípios do Amazonas e até mesmo para os estados limítrofes. Com poucos camarotes e muitas redes, o barco é o meio de transporte por excelência da região. O movimento do cais é intensificado nos finais de tarde, com as saídas dos "recreios". Horas antes, cada passageiro instala sua rede nas embarcações, marcando território. Em breve os interiores das embarcações transformam-se em autêntica malha feita de redes, colocadas e trançadas em todas as direções, obrigando os passageiros a fazer verdadeiras acrobacias para movimentarem-se dentro dos barcos.

Na parte direita do Roadway concentram-se os barcos particulares. Grandes ou pequenos, simples ou sofisticados, adaptados às viagens de um dia inteiro ou vários dias, pertencentes geralmente às agências de turismo. Àqueles interessados em participar de passeios pelo rio sugerimos contatem somente as empresas cadastradas junto as autoridades do Estado. A Empresa Amazonense de Turismo (EMAMTUR) poderá fornecer pelo fone 633-2850 o nome e localização de um bom operador, devidamente credenciado. *Pelo seu conforto e segurança evite sempre viajar em barcos clandestinos.*

Do mesmo local onde se acham atracados os barcos de turismo pode-se ver, a uma certa distância, outra área do porto destinada somente a cargas e alfândega. Vê-se, ainda, mais ao longe, as casas tipo "palafitas" do Bairro de São Raimundo.

São poucos no mundo os cais flutuantes desse tipo. Em Sidney, na Austrália, existe uma construção parecida, que segue os movimentos da maré.

Ao lado do cais reservado ao Turismo tem-se uma vista interessante dos armazéns do porto. Alguns são de construção recente, mas um deles - coberto por placas metálicas, simulando pedra - sobressai: é o famoso Trapiche XV de Novembro.

O Porto de Manaus, hoje

O Porto de Manaus mede cerca de 300 m. de comprimento e 20 m. de largura. Seu canal de acesso tem aproximadamente 500 m. de largura, sem restrições a calado, o que permite o acesso de embarcações de grande porte e capacidade. No segundo cais flutuante, na área reservada à carga, são realizadas as mais modernas operações - roll-on/roll-off, full-containers, etc. As pontes flutuantes garantem a passagem de cargas pesando até 70 toneladas. Possui, ainda, armazéns de grande capacidade e uma área destinada exclusivamente à acomodação de containers. Alguns desses armazéns revestem-se de especial importância por terem sido construídos ainda na época da borracha. Observa-se a presença de gigantesco guindaste utilizado em operações diversas. No porto também funciona o Entrepasto Internacional da Zona Franca de Manaus - EIZOF.

Manaus possui, ainda, distante do centro da cidade, portos distintos para as operações de embarque/desembarque de cereais e de produtos petrolíferos.



Trapiche XV de Novembro

Trata-se de um típico exemplo da arquitetura de ferro britânica do fim do século XIX. Coberto de telhas onduladas e com paredes de ferro imitando blocos de

pedra, provavelmente construído em 1893, o trapiche é anterior à construção do próprio porto.

Pelo lado oposto do armazém, onde se encontra a Praça Oswaldo Cruz, pode-se observar placa muito interessante em que se lê - "P & W MacLellan Ltd.", o que autentica sua procedência escocesa.

A Praça Oswaldo Cruz, que reúne prédios muitíssimo interessantes, era local dos mais movimentados na época da borracha, vez que o terminal dos bondes aí se encontrava. A primeira linha de bondes foi inaugurada em 1889 e, até 1939, os bondes eram os únicos meios de transporte público.

A casa em forma de "castelinho de comédia", em estilo neo-medieval, abrigava no início do século a famosa firma britânica MANAUS TRAMWAYS AND LIGHT. No meio da fachada, acima da janela do 2º pavimento, pode-se observar a escultura de uma cabeça de Mercúrio, deus romano do comércio. Embaixo de cada uma dessas janelas existem calhas, no formato de máscaras antigas, que canalizam a água das chuvas. Ameias coroam a construção, que lembra o castelo da Bela Adormecida.

Ergue-se ao lado bela casa, datada de 1900, com dois pavimentos, onde funcionou o Tribunal de Contas do Estado e que hoje abriga a "Casa do Pequeno Trabalhador". A edificação exibe amplas decorações na parte superior, com um rico frontão curvo ladeado por fina balaustrada de pedras.

No início do século a praça abrigava também os escritórios da firma inglesa BOOTH LINE. A Empresa operava linhas regulares entre Manaus e a Europa, a cada dez dias, com escalas em Portugal, Espanha, França e Grã-Bretanha. Haviãm paquetes de mais de 600 toneladas, como o Hildebrand Hilary, Lanfranc Anthony, etc., todos muito confortáveis, além de vários cargueiros.

Aproxime-se agora do prédio da esquina, à esquerda.

Trata-se de um casarão datado de 1894, com catorze janelas de frente e grande porta central, ladeado por doze portas - seis à esquerda e seis à direita.

Vire à direita e siga em frente pela Rua Monteiro de Souza.

Veja com atenção as casas onde atualmente funciona a Administração do Porto de Manaus. Destaca-se um grande prédio, pintado de cinza-azulado, construído entre 1887 e 1890. Certos detalhes lembram o renascimento italiano. No início do século abrigava o Tesouro Público. Importante - este prédio situa-se exatamente no local onde foi construído o 1º forte da cidade, em 1669. Ao lado esquerdo do portão central lê-se a seguinte placa comemorativa:

"Neste local, em 1669, foi construída a fortaleza de São José da Barra, sob a inspiração do cabo de tropas Pedro da Costa Favela. Foram construtores o capitão Francisco da Mota Falcão e seu filho Manuel da Mota Siqueira. Desapareceu em ruínas no ano de 1850".

Inaugurado em 1985, o Museu do Porto distribui-se em 742 m² de área útil e compõe-se de oito espaços distintos:

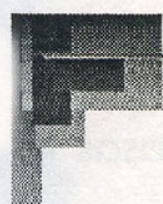
- a casa das máquinas - onde funciona a recepção, que exhibe dois antigos geradores que forneciam energia elétrica ao Porto na década de 30;
- salas 1 e 2 - que contém a remontagem ambiental dos aspectos administrativos da Manaus Harbour, com mobiliário da época.
- salão - com exposição de painéis que mostram a evolução do Porto, da sua criação até os dias atuais.
- sala 3 - apresentando uma reconstituição do ambiente de um escritório da Manaus Harbour.
- sala 4 - com espaço destinado a exposições temporárias.
- Mezanino - exibindo peças da famosa Casa de Avilamento J.G. Araújo, reconstruindo o ambiente de um armazém da época da borracha.
- Área externa - com exibição de peças pesadas (como âncoras) e uma pequena locomotiva que servia ao Porto.

Saia do Museu e dirija-se até o final da Travessa Vivaldo Lima.

Dois prédios muito interessantes chamam a atenção.

Poder Legislativo do Estado. Trata-se de prédio em estilo eclético, construído entre os anos de 1905 e 1938, formado de dois pavimentos e apresentando três seções. O corpo central é ligeiramente proeminente, com um pórtico, com numerosos elementos de decoração na fachada (desenhos geométricos, balaustradas de mármore nas janelas, etc.). Na frente, duas estátuas de bronze representam elegantes mulheres segurando um globo. No interior, impressionam o teto de estuque e uma bela escada de ferro. Durante algum tempo o prédio abrigou o Museu de Numismática do Amazonas, que hoje está sediado na Praça da Polícia (ver o Roteiro nº 5).

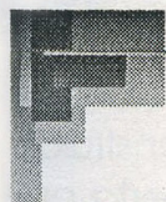
Percorra agora a Av. Sete de Setembro (entre os prédios da Prefeitura e da Assembléia) e caminhe até o seu final. No nº 188 existe uma casa bastante interessante. Note a belíssima vista do Igarapé de São Vicente. Volte cerca de 50 m. e dobre à esquerda. Entre na Rua Bernardo Ramos, antiga Rua São Vicente, que é uma das mais antigas de Manaus. Dobre novamente à esquerda e caminhe até o final da rua, onde se situa o prédio da Ilha de São Vicente.



O Prédio da Ilha de São Vicente

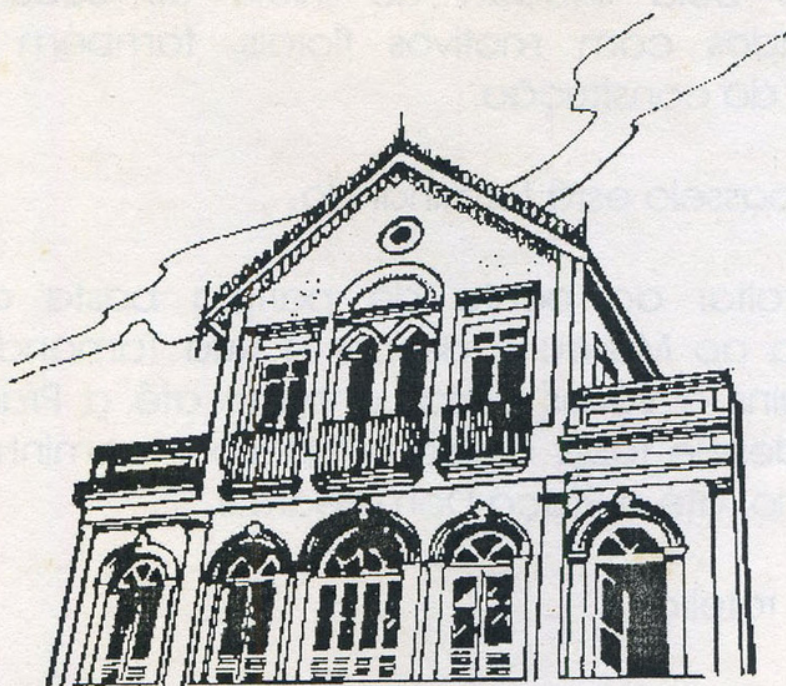
Edificado em estilo colonial, com linhas simples e sem muitos ornamentos, tem fachada de paredes espessas, com portas em arco pleno e molduras imitando cantaria. A parte central mostra um tipo de frontão, com acabamento de ameias e com a estrela da República ao centro. Não se sabe com exatidão a época em que o

Na esquina ergue-se belíssimo casarão de três andares, seguramente um dos mais belos de Manaus, onde funciona o ...



Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)

O 1º e 2º andares exibem cinco aberturas em arco pleno, sendo que as do 2º andar possuem molduras lindamente trabalhadas, com pequenas esculturas. No 3º andar, mais estreito, duas janelas de verga reta enquadram duas pequenas janelas gêmeas dominadas por um frontão curvo e por um óculo. Na beira do teto vê-se um lambrequim, fino rendilhado de madeira recortada, muito em uso na Europa do início do século, especialmente nas regiões montanhosas.



Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Ao final da rua mostra-se o atual prédio da ...



Administração do Porto de Manaus

Na época da Manaus Harbour Ltd. o edifício funcionava como residência do diretor. Em estilo eclético, construído pelos idos de 1907, ostenta maciça fachada, coberta em argamassa imitando blocos de pedra, belo portão adornado por duas pequenas janelas laterais e uma da parte superior, acompanhada de dois óculos e com uma varanda. Acima observam-se seis aberturas de forma oval e, mais acima, longa balaustrada. De tão sólido o prédio, jamais se poderia imaginar tratar-se da moradia do diretor. Mais parecia uma fortaleza. Na lateral do prédio vê-se imponente portão tipo londrino e uma série de grandes janelas, que facilitam a entrada da luz do dia. No interior nota-se bela escada do início do século e azulejos decorados com motivos florais, também datando da época da construção.

Nosso passeio está terminando.

Para voltar ao ponto de partida basta caminhar em direção ao Museu e descer a Rua Tamandaré, lugar de botequins e várias casas antigas, até a Praça da Matriz. Caso deseje fazer agora o Roteiro 3 caminhe em sentido contrário, até a Praça Dom Pedro II.

Fim do roteiro.

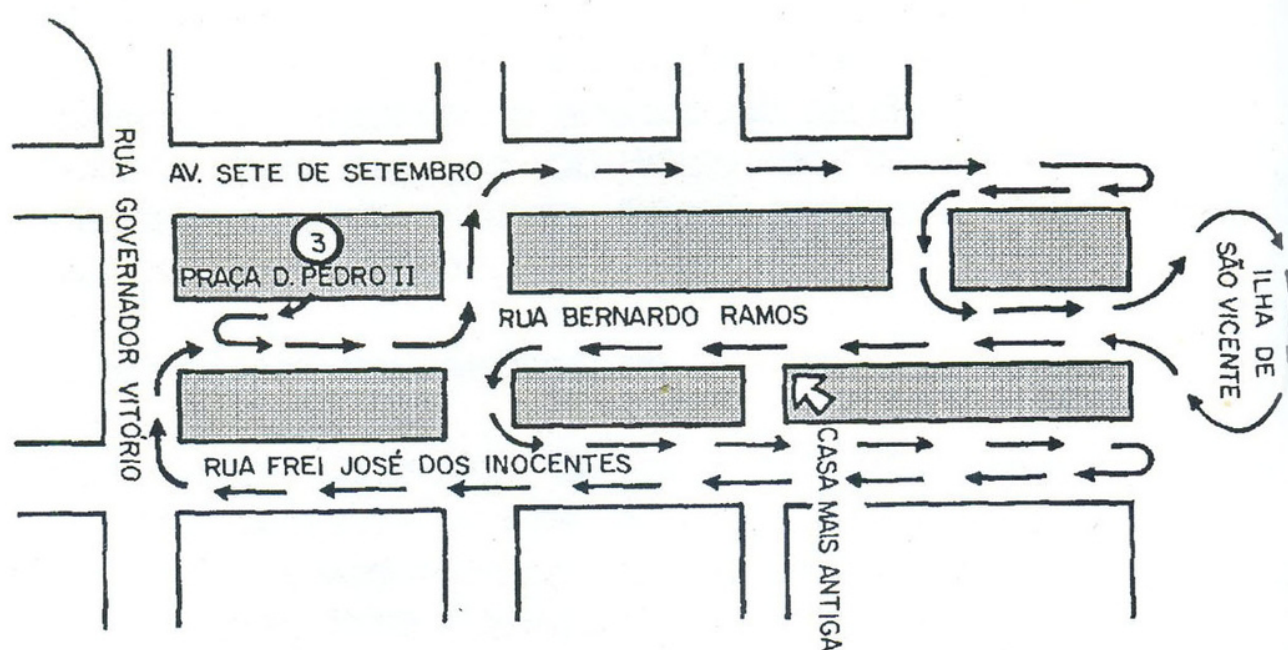
Este circuito se faz em aproximadamente uma hora. Trata-se de um roteiro breve, porém com muita coisa a ser apreciada.

Museu do Porto - visitas de Segunda a Sexta, das 09 às 12 Hs. e das 14 às 17 Hs. Ingresso pago. Endereço: Travessa Vivaldo Lima, nº 61 Fone: 633-3433.



Caminhando por Manaus

Ao Redor da Prefeitura

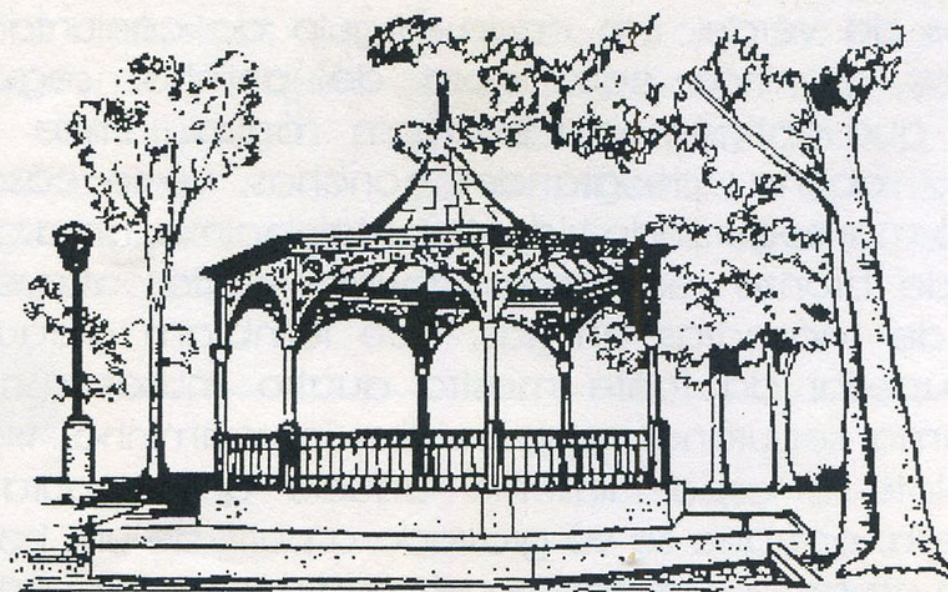


Roteiro 3

O roteiro começa na Praça Dom Pedro II (nº 3, indicado no mapa) harmonioso conjunto arquitetônico, que antigamente se chamou "Largo do Pelourinho" e depois "Praça da República" (na época da Proclamação). Construída em plena época da borracha 1893/1894), durante a administração do Governador Eduardo Ribeiro ("O Pensador"), era a mais importante praça da cidade e ponto de encontro da sociedade manauara, que se deleitava passeando pelos seus jardins (ver quadro sobre Eduardo Ribeiro no Roteiro nº 1).

Chalet de Ferro

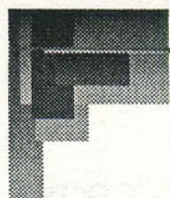
Observe-se o belo coreto de ferro (chamado de "chalet de ferro" pelos habitantes do bairro), fabricado pela firma inglesa Francis Morton & Co. Ltd. Eng. Liverpool, de acordo com a inscrição localizada na base quadrada das colunas.



O Coreto de Ferro

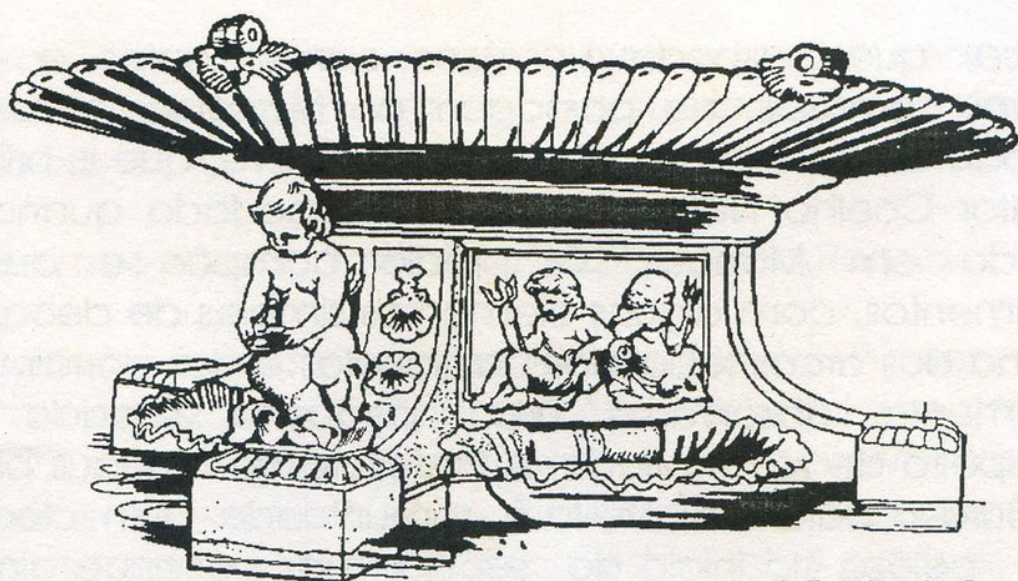
Em estilo simples, foi edificado sobre uma base octogonal de alvenaria maciça. As grades do parapeito apresentam círculos e elipses com flores estilizadas. Oito esbeltas colunas sustentam o teto, que - no início do século - era beirado por lambrequins, que infelizmente não existem mais. As colunas sustentam, ainda, arcos decorados muito elegantes, com rendilhado em ferro. O teto é formado por lâminas de ferro galvanizado. Aí, nos finais de tarde, geralmente aos domingos, tocava a banda do regimento militar.

Próximo ao coreto e datando da mesma época vê-se a ...



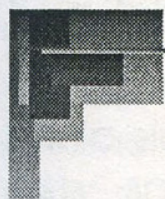
Fonte de Bronze

A fonte é muito rica em detalhes, que devem ser cuidadosamente observados de perto. A base de alvenaria divide-se em quatro partes, por elementos de bronze pintados de verde. Em cada ângulo do conjunto vê-se graciosos meninos com cara de anjinho, segurando ânforas que antigamente jorravam água. Entre cada menino, acima de grandes conchas, vê-se casais de seres do mar segurando tridentes. Mais acima, uma grande bacia de bronze recebe as águas vertidas através das bocas de máscaras antigas, que lembram gárgulas. A parte superior da fonte mostra quatro musas sentadas, cada uma segurando objetos (lira, pergaminho, tridente, etc.). Note-se especialmente aquela que segura uma prancheta, em que se vê gravado o perfil de um homem. No topo da fonte observa-se outra bacia e quatro golfinhos de bronze artisticamente segurando um globo.



A Fonte de Bronze

A Praça Dom Pedro II (recomenda-se a visita durante o dia, somente), hoje um local sossegado, onde os aposentados reúnem-se para jogar dominó, foi outrora palco de eletrizantes acontecimentos. Era exatamente ao seu redor que concentravam-se os teatros, bares, cabarés, cafés e edifícios públicos, tão assiduamente frequentados pelas pessoas mais ricas e importantes da cidade. No canto da praça, bem na esquina com a Rua Governador Vitório, vê-se a estrutura da fachada do prédio do antigo Hotel Cassina, em cor avermelhada, durante muitos anos ameaçada de destruição, mas nos dias de hoje já contida pelo Patrimônio Municipal.



Hotel Cassina

De propriedade do comerciante italiano Andréa Cassina, foi construído em 1899 e durante anos foi hotel de 1ª

classe, que hospedava ricos comerciantes e atores teatrais famosos, de passagem por Manaus, vindos do sul do país ou do exterior. Conta-se, inclusive, que o brilhante escritor Coelho Neto ali teria se hospedado quando de estada em Manaus. O prédio compõe-se de dois pavimentos, com alguns elementos simples de decoração acima dos arcos rebatidos das janelas e das portas. No 2º pavimento observa-se uma pequena sacada com parapeito de ferro forjado. A Prefeitura de Manaus planeja restaura-lo para devolvê-lo à comunidade em toda a sua beleza do início do século, mas pertence ainda, a uma família local. A história do Amazonas da época da borracha está muito ligada ao jogo e o Hotel Cassina, com toda a certeza, foi palco de grandes apostas e muita diversão.

Manaus e o Jogo

Haviam muitas casas de jogo na cidade e até mesmo barcos comerciais ("vapores de aviamento"), funcionando como verdadeiros cassinos, que desciam e subiam os rios amazônicos. A enorme circulação de dinheiro, o tráfego intenso de navios vindos de muitos lugares do mundo, as mulheres trazidas da Europa, etc., incentivavam a busca de todos os tipos de prazeres e estimulavam a atividade. Fortunas construídas com o rude trabalho nos seringais da região perderam-se em apostas extravagantes.

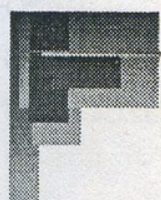
Com a crise dos anos 20 e 30 e o consequente empobrecimento das populações o hotel pouco-a-pouco transformou-se em pensão e cabaré. Havia dança no térreo e jogo no 1º andar. Nos anos 40 decai mais ainda tornando-se lugar de prostituição e encerra as suas atividades nos anos 50. Desde então abandonado, hoje ainda é conhecido como Cabaré Chinelo, em decorrência

da decadência que caracterizou seus últimos anos de boêmia. O prédio, em ruínas, é propriedade de uma família local.

Siga pela mesma calçada até a Rua Bernardo Ramos.

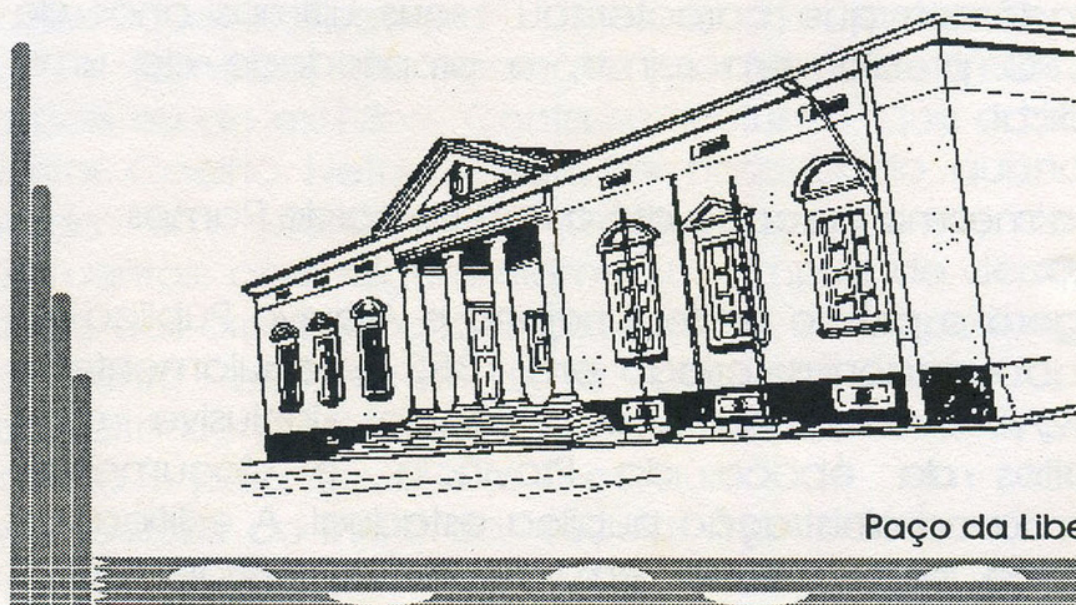
Vê-se agora o prédio onde funciona o Arquivo Público do Estado do Amazonas, criado em 1852 e regulamentado em 1897, que possui vasto acervo, inclusive com manuscritos da época da Província, e documentos oriundos da administração pública estadual. A edificação perdeu sua originalidade em decorrência das muitas transformações sofridas.

Ao fundo da Praça Dom Pedro II, na Rua Gabriel Salgado, ergue-se o prédio da Prefeitura Municipal de Manaus.



O Prédio da Prefeitura

Conhecido como "Paço Municipal", seu verdadeiro nome é "Paço da Liberdade", sua construção foi iniciada em 1874. Em 1879 ele passa a abrigar a sede do Governo Provincial e, posteriormente, com a Proclamação da República, passa a ser utilizado como Administração do Governo Republicano. Novamente, em 1917, começa a sediar o Governo Municipal, quando o Governo do Estado instala-se no Palácio Rio Negro.



Paço da Liberdade

A fachada é um dos primeiros exemplos de arquitetura neoclássica em Manaus. O edifício tem um só pavimento, subdividido em três seções. A parte central é composta por um pórtico com duas colunas e duas pilastras em estilo toscano, que suportam um entablamento simples, com um frontão triangular vazado por um óculo, onde foi colocado o escudo da municipalidade de Manaus. Nas laterais observam-se três janelas - a do centro com frontão triangular e as duas outras com frontões curvos. No Salão Nobre nota-se o teto com motivos amazônicos trabalhados em estuque e nas paredes encontram-se expostos quadros retratando a grande maioria dos prefeitos e antigos superintendentes municipais. O prédio também abriga duas valiosas telas - uma do Imperador D. Pedro II (de autoria do artista Aurélio Figueiredo); e outra da Princesa Isabel, assinando a Lei Áurea (que libertou os escravos no Brasil), lamentavelmente mutilada por vândalos. Encontra-se, ainda, uma bela peça em madeira entalhada, que data do século XIX, lavrada em folhas de louro e encimada por dois anjos, que sustenta o escudo com as armas da cidade. Várias reformas foram realizadas desde o início do século.

O Brasão Da Municipalidade

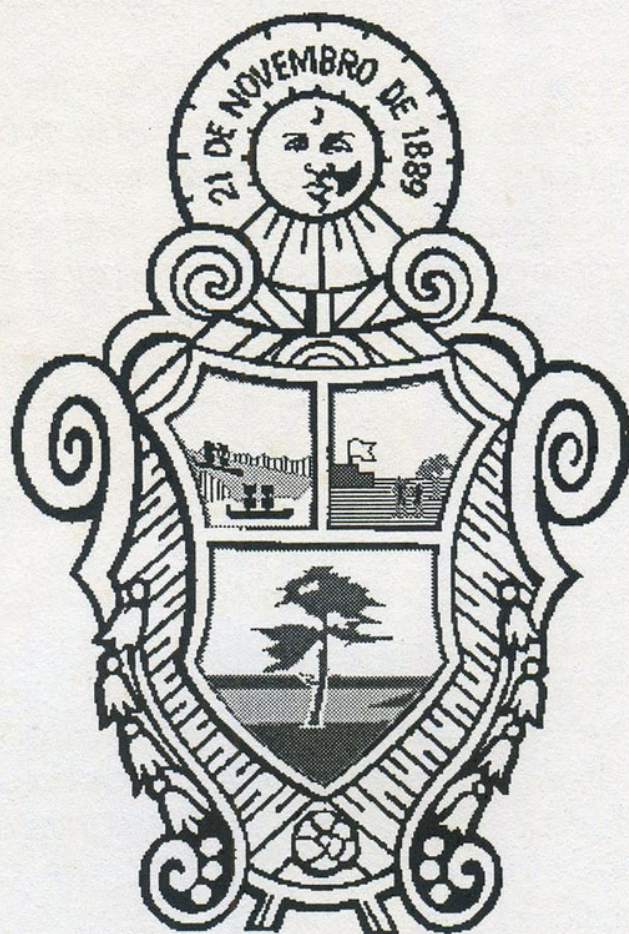
O brasão foi concebido pelo superintendente Adolpho Guilherme de Miranda Lisboa, em 1906. Observa-se, que o desenho divide-se em três seções. Curiosamente, nem todas as representações existentes do brasão municipal seguem o "croquis" original.

No terço superior esquerdo vê-se a representação de dois bergantins do século XVII, no Encontro das Águas (rios Negro e Solimões), que faz alusão ao descobrimento do Rio Negro, pela expedição de Francisco Orellana, no século XV. (Algumas vezes aparece só o Encontro das Águas, sem os barcos.)

No terço superior, à direita, vê-se a representação de uma fortaleza, em alusão àquela construída pelos portugueses, em 1669, com a bandeira e as figuras dos habitantes do local. Esta seção significaria o poderio português, a fundação das primeiras vilas e a celebração da paz entre o elemento indígena e o branco invasor. (Outras vezes aparece somente a fortaleza, sem viva-lma.)

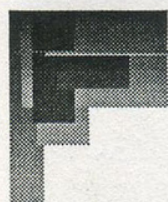
No quadro maior, embaixo, vê-se a representação de uma seringueira, símbolo da riqueza proporcionada pelo comércio da borracha; de frente para o rio, fonte inesgotável de riquezas, com suas férteis terras de várzea, excelentes para a agricultura. (Às vezes a árvore mostrada assemelha-se muito mais a uma castanheira.)

Na parte superior do brasão a representação de um sol, com o dístico " 21 de Novembro de 1889", faz alusão a data em que a antiga província aderiu à Proclamação da República.



O Brasão da Municipalidade

Na esquina da praça, na Av. Sete de Setembro, situa-se ...

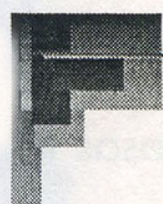


O Palácio Rio Branco

Na esquina da Av. Sete de Setembro com a Rua Taqueirinha, situa-se o Palácio Rio Branco, atual sede do

Poder Legislativo do Estado. Trata-se de prédio em estilo eclético, construído entre os anos de 1905 e 1938, formado de dois pavimentos e apresentando três seções. O corpo central é ligeiramente proeminente, com um pórtico, com numerosos elementos de decoração na fachada (desenhos geométricos, balaustradas de mármore nas janelas, etc.). Na frente, duas estátuas de bronze representam elegantes mulheres segurando um globo. No interior, impressionam o teto de estuque e uma bela escada de ferro. Durante algum tempo o prédio abrigou o Museu de Numismática do Amazonas, que hoje está sediado na Praça da Polícia (ver o Roteiro nº 5).

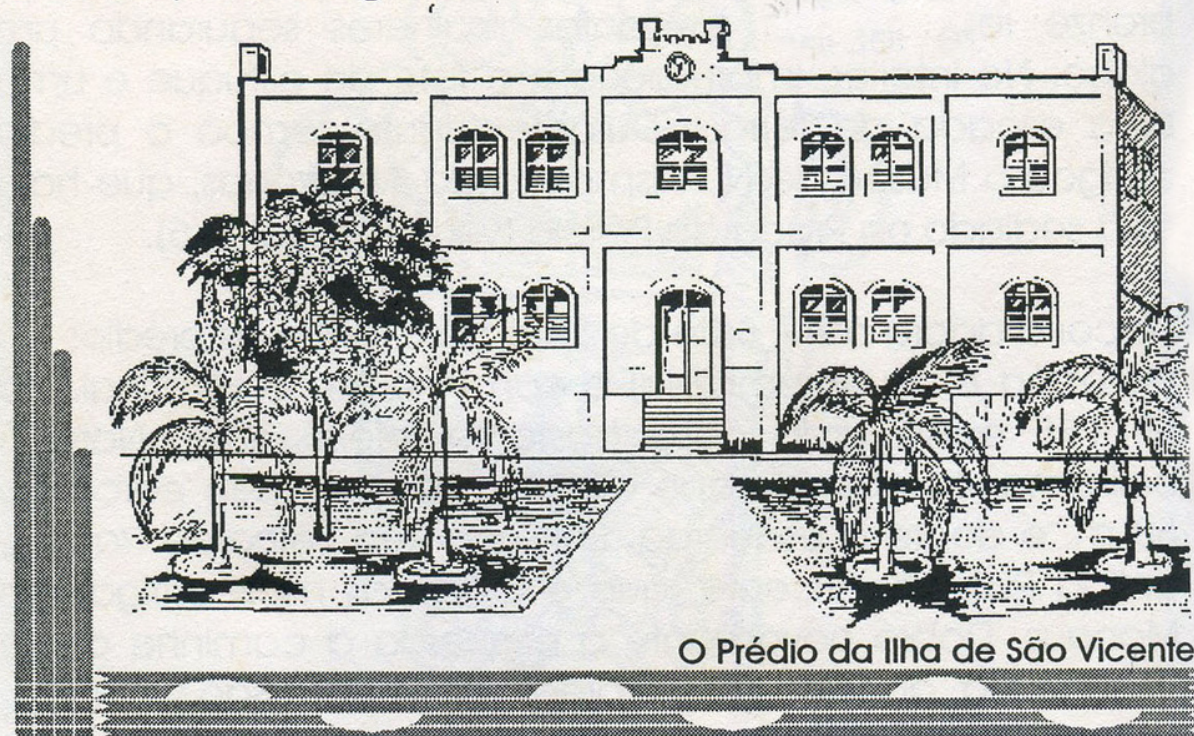
Percorra agora a Av. Sete de Setembro (entre os prédios da Prefeitura e da Assembléia) e caminhe até o seu final. No nº 188 existe uma casa bastante interessante. Note a belíssima vista do Igarapé de São Vicente. Volte cerca de 50 m. e dobre à esquerda. Entre na Rua Bernardo Ramos, antiga Rua São Vicente, que é uma das mais antigas de Manaus. Dobre novamente à esquerda e caminhe até o final da rua, onde se situa o prédio da Ilha de São Vicente.



O Prédio da Ilha de São Vicente

Edificado em estilo colonial, com linhas simples e sem muitos ornamentos, tem fachada de paredes espessas, com portas em arco pleno e molduras imitando cantaria. A parte central mostra um tipo de frontão, com acabamento de ameias e com a estrela da República ao centro. Não se sabe com exatidão a época em que o

prédio foi construído. No entanto, certamente deve ter sido antes de 1852, vez que a planta da cidade, nessa época, já exibia o edifício naquele lugar. Desde 1857 o prédio passa a ser conhecido como "Enfermaria Militar". Hoje pertence à Administração das Hidrovias da Amazônia Ocidental. Os guardas do local, caso possível, permitirão a entrada para fotografias.



O Prédio da Ilha de São Vicente

Por detrás do prédio pode-se ter uma vista bastante interessante do Rio Negro, com barcos ancorados ao longo das margens e, mais ao longe, as pitorescas casas tipo "palafitas" do Bairro de São Raimundo.

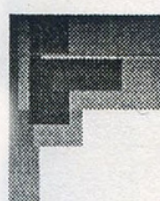
Observe atentamente, ao lado do prédio, a existência de uma árvore caída que brotou curiosamente em vários lugares diferentes.

Saia da Ilha de São Vicente e retorne à Rua Bernardo Ramos ... Ela surpreende pela beleza de suas numerosas

casas, especialmente aquelas mais antigas que datam do final do século XIX e início do século XX.

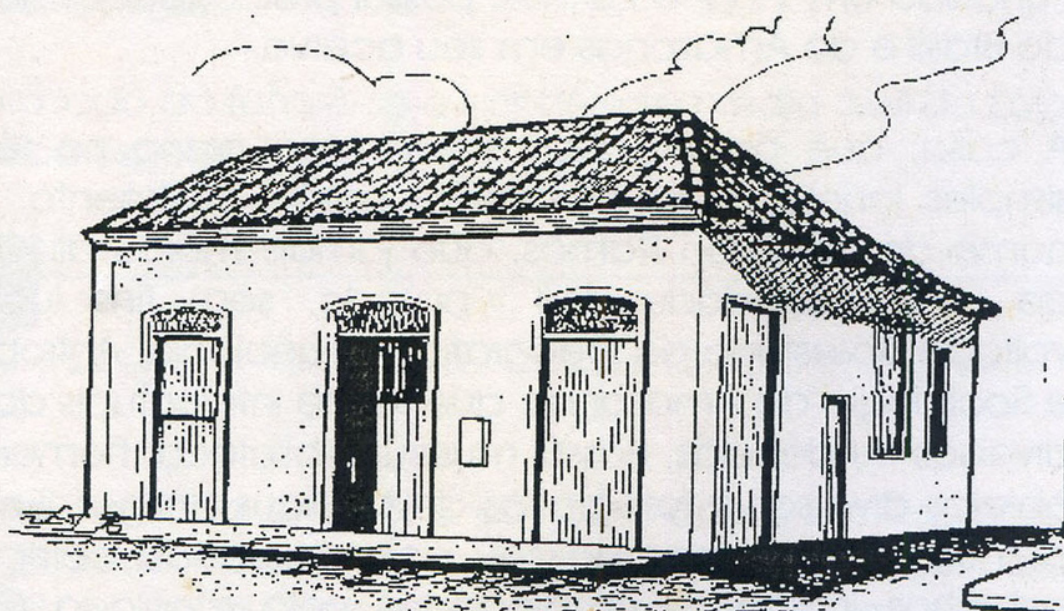
As casas de nºs 57, 61 e 69, à esquerda, são particularmente notáveis.

À direita vêem-se as casas de nºs 60 e 66, que datam de 1908.



A Casa Mais Antiga de Manaus

Siga em frente até a casinha verde de nº 77. Em estilo colonial, datada de 1819, trata-se da mais antiga casa de Manaus, hoje em estado precário de conservação.

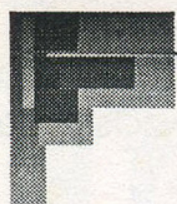


A casa mais antiga de Manaus

Foi a residência do vereador José Casimiro Prado, que ajudou a construir o 1º teatro da cidade, onde atualmente funciona a Capitania dos Portos, próximo ao Mercado Municipal (ver o Roteiro nº 4).

Daqui pode ver-se belo casarão de dois pavimentos, construído na época da borracha e, ainda, do outro lado da rua (no nº 98) bela casa que durante algum tempo sediou a Fundação Municipal de Turismo (FUMTUR).

Ande agora até o nº 117, onde funciona o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas.



O Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas

Fundado em 1917 o I.G.H.A. possui preciosidades históricas do Brasil e do Amazonas em seu acervo.

A casa, que ostenta portas em arco pleno no térreo e simples janelas com parapeitos no 2º pavimento, tem o nome de Bernardo Ramos, que jamais morou ali. Trata-se de uma sociedade civil privada, sem fins lucrativos, voltada ao estudo da Geografia, Arqueologia, Antropologia e Sociologia do Amazonas, que reúne intelectuais das mais diversas tendências. Possui museu, biblioteca, hemeroteca, objetos diversos e fotografias de Manaus antiga. Em 1934 o museu incorporou ao seu acervo grande coleção de trabalhos indígenas catalogados pelo etnólogo Crisanto Jobim (o museu é conhecido pelo mesmo nome).

Podem ser vistos objetos de inestimável importância

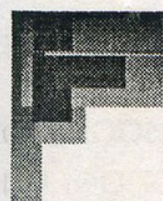
arqueológica e etnográfica, como por exemplo: peças de armamento da guerra do Acre, animais empalhados, couros e crânios de animais da região, coleções de borboletas, cerâmicas e armas indígenas, material de pesca, cestaria, tangas, arte plumária, colares, máscaras, vestuários, urnas funerárias, amuletos ("muiraquitãs"), machados de pedras, etc.

Crisanto Jobim (1879/1940)

Etnógrafo e professor, foi grande colecionador de objetos indígenas. Manteve em sua própria residência um museu etnográfico, que chamou de Museu Rondon. Doou sua coleção ao I.G.H.A., quando este era presidido pelo intelectual Agnelo Bittencourt.

Continuando a caminhada note a elegância dos belos lampiões antigos.

Do outro lado da rua vê-se o imponente prédio azul da Loja Maçônica Esperança e Porvir.



A Loja Maçônica "Esperança e Porvir"

A loja foi fundada em 1872 por 27 maçons iniciados em outros Estados. Várias personalidades importantes da vida nacional e local iniciaram-se nessa casa, como por exemplo o Marechal Floriano Peixoto, que foi o 1º Presidente da República, o Governador Eduardo Ribeiro e vários outros Governadores amazonenses - Silvério Nery,

Constantino Nery, Antonio Bittencourt, etc.

Mais ao longe, próximo à Prefeitura, funcionava na época da borracha uma cocheira, isto é, um abrigo para cavalos.

As Cores das Casas

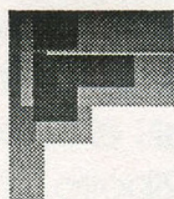
É interessante notar que, no início do século, havia uma predominância de casas pintadas com cal branco. Existiam também, em menor número, aquelas pintadas de verde, amarelo, azul e - às vezes - vermelho. As cores mais vivas eram normalmente destinadas a prédios mais nobres.

(Fonte - Prof. Mário Ypiranga Monteiro)

Caminhe até a Praça D. Pedro II e dobre à esquerda para chegar à Rua Frei José dos Inocentes ...

Antiga "Rua Independência", ela ainda guarda algumas casas antigas, em um ambiente tranquilo longe da agitação do Centro. Chamou-se também de "Rua do Trem", porque certa época abrigou um depósito do exército. Pode-se observar várias casas antigas, de linhas muito singelas, e bela vista dos fundos do prédio do I.G.H.A.

Caminhe até o fim da rua para desfrutar de sensacional vista do prédio da Cervejaria Miranda Correia, ao longe, na outra margem do igarapé.



A Cervejaria "Miranda Correia"

A cervejaria, fundada em 1910, localizada às proximidades

da antiga usina elétrica, fabricava a cerveja XPTO, famosíssima na época, e - ainda - uma cerveja escura chamada Ouro Sobre Azul. Possuiu os primeiros elevadores de que se tem notícia na cidade e que funcionaram há alguns anos. Em seu interior possuía salões suntuosos, inaugurados magnificamente pelo Presidente Washington Luiz, que receberam artistas famosos, políticos e visitantes ilustres. O estilo da construção lembra muito mais um castelinho medieval do que propriamente um prédio industrial. O prédio hoje é ocupado pela Cervejaria BRAHMA.

A Iluminação Pública

A iluminação pública em Manaus, feita com naphtha, foi inaugurada em 1896. Entre os anos de 1898 e 1908 o serviço foi desempenhado pela firma inglesa Manaus Electric Lighting Company.

Volte pela Rua Frei José dos Inocentes até a Rua Governador Vitório. A última casa à esquerda, pintada de cor-de-rosa, data de 1904. Daí vê-se a parte de trás do antigo Hotel Cassina.

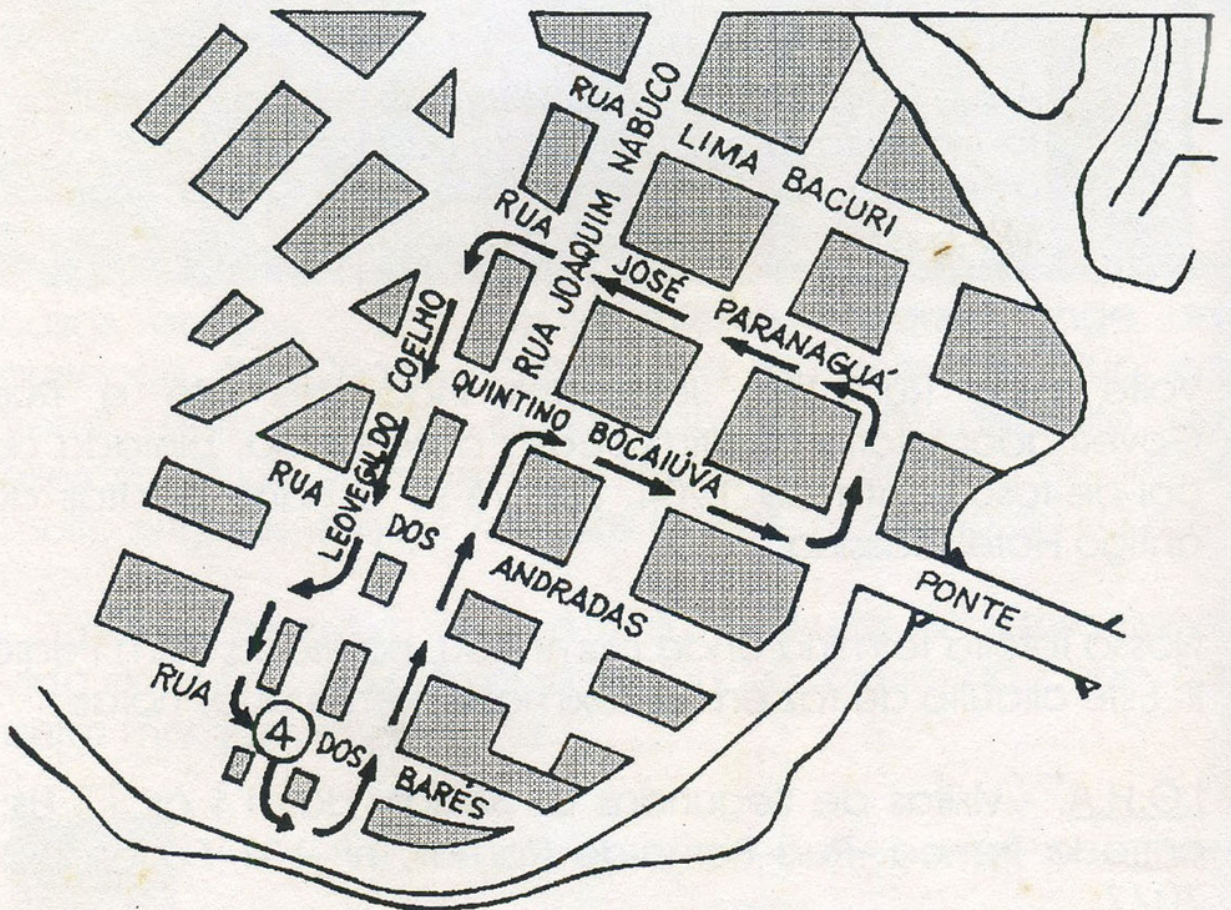
Nosso roteiro termina onde começou, na Praça Dom Pedro II. Este circuito de faz em aproximadamente duas horas.

I.G.H.A. - visitas de Segundas às Sextas, das 14 às 17 Hs., entrada franca. Rua Bernardo Ramos, nº 131 Fone: 232-7077.



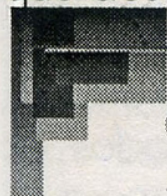
Caminhando por Manaus

Ao Redor do Mercado



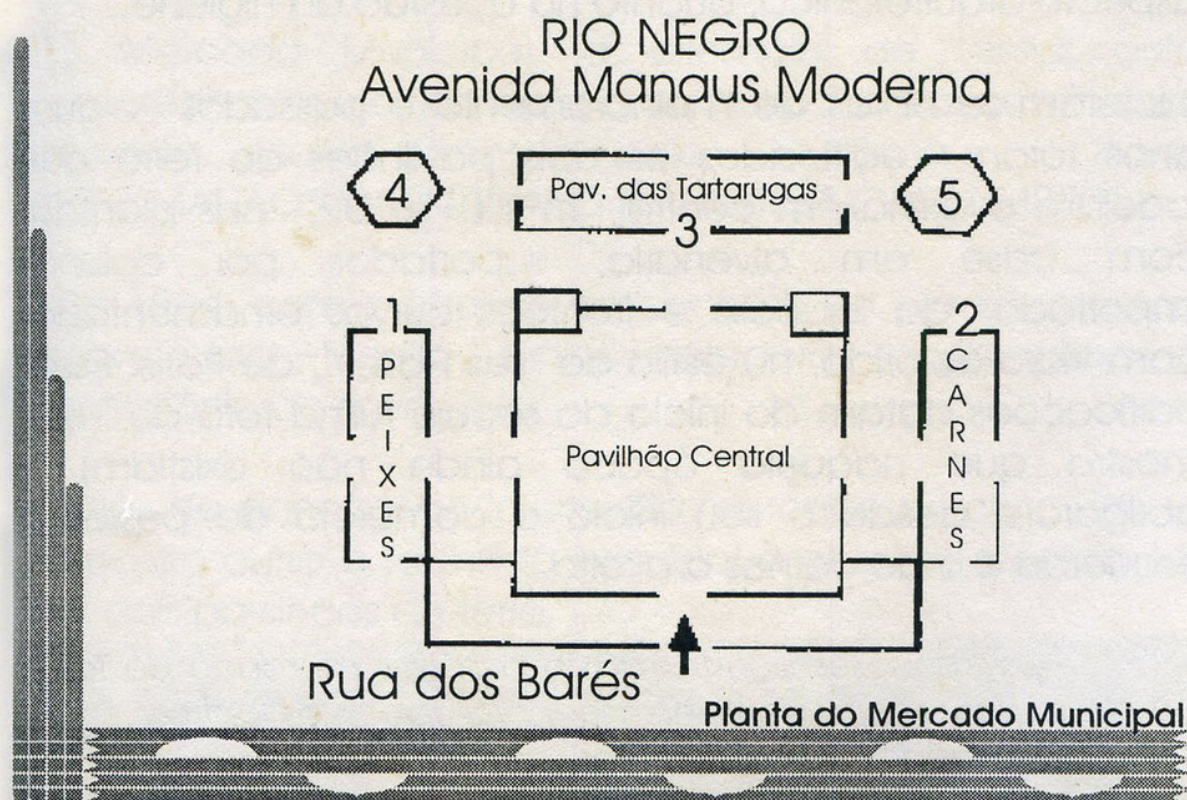
Roteiro 4

Nossa caminhada começa no ponto nº 04 do mapa, à Rua dos Barés, bem em frente ao portão principal do Mercado Municipal. Os Barés, que emprestaram seu nome à rua, eram índios que habitavam a região do Rio Negro e que desapareceram após a invasão dos portugueses.



O Mercado Municipal "Adolpho Lisboa"

O Mercado Municipal é um dos lugares mais animados de Manaus, especialmente pela parte da manhã. Existem vários prédios distintos que compõem o complexo. Assim, para melhor deslocar-se veja a planta a seguir.



Em 1855, no mesmo local, já existia uma feira chamada de "Ribeira dos Comestíveis". A edificação do corpo central do mercado foi iniciada em 1883 pela firma BAKUS & BRISBIN, sediada em Belém, Pará. Trata-se do segundo

mercado com esse tipo de edificação a ser montado no Brasil. A parte mais antiga está indicada na planta como "pavilhão central".

Naquela época o mercado consistia de um simples pavilhão de 45 m. de comprimento por 42 m. de largura. Era um tipo de armazém, aberto nas laterais, que contava com duas salas principais e 20 "boxes" separados por grades, com balcões de madeira coberta de mármore.

Em 1897, o superintendente municipal Adolpho Lisboa fez um relatório sobre o mercado, em que reportava às lamentáveis condições em que se encontrava, tanto no aspecto arquitetônico, quanto na questão da higiene.

Iniciaram-se obras de melhoramento e passados alguns anos foram edificadas os dois pavilhões de ferro que ladeiam o armazém central (n^{os} 01 e 02, nas plantas), com base em alvenaria, suportados por colunas importadas da Escócia e frontões curvos ornamentados com vidro colorido, no estilo do "Les Halles", de Paris. Essas edificações datam do início do século (uma foto de 1899 mostra que naquela época ainda não existiam) e abrigaram desde o seu início o comércio de peixes à esquerda e o de carnes à direita.

Os franceses construíram o primeiro mercado de ferro, que serviria de exemplo para todos os outros. Era o Mercado Central de Paris, projetado e executado por Victor Baltard, na fase das grandes reformas operadas em Paris pelo Barão Haussmann. Esse tipo de arquitetura era considerada o máximo do modernismo da época. Em 1971 houve a demolição do prédio e, hoje em dia, só um pavilhão sobrevive às imediações da capital francesa.

A fachada do prédio, datada de 1906, como atesta o medalhão existente no rendilhado de ferro acima do portão principal, originalmente pintada em cores diversas, é obra de Filinho Santoro, que realizou vários outros trabalhos na Cidade. Considerando tratar-se de um mercado o conjunto é bastante trabalhado. O estilo da construção é eclético. No primeiro pavimento sobressai-se um grande portão central, ladeado por janelas de vergas retas coroadas por frontões triangulares. No segundo, vêm-se dois pares de janelas geminadas, que lembram a idade média. Dois prédios laterais, em estilo idêntico, simetricamente dispostos, prolongam a fachada, que se impõe pelo seu tamanho.

O Mercado Municipal, a exemplo de tantos outros empreendimentos da época da borracha, foi administrado durante muitos anos pela firma inglesa "THE MANAOS MARKETS AND SLAUGHTERHOUSE LIMITED".

Em 1924, com o término do contrato de arrendamento, o Governador Ribeiro Júnior incorpora o complexo ao patrimônio do município.

Antes de penetrar no interior do mercado percorra de um lado ao outro a fachada principal e observe atentamente os dois pavilhões de ferro.

O Pavilhão Central

Logo à entrada observe o teto e sua original abóbada de berço, isto é, semicircular, interrompida ao meio com o escudo de Manaus.

Dentro do pavilhão vêm-se as colunas, importadas de Liverpool, na Inglaterra, e fabricadas pela firma FRANCIS

MORTON, a mesma que elaborou as colunas de ferro que existem no coreto da Praça Dom Pedro II, próxima à Prefeitura (ver o roteiro nº 3).

Acima do portão observa-se uma tribuna com arcos plenos. Trata-se de um acontecimento arquitetônico inesperado para um mercado.

Neste pavilhão encontram-se os compartimentos de estivas e artesanato, que são de construção mais recente. Nos "boxes" de estivas concentram-se os produtos de base consumidos pelos amazonenses - vários tipos de farinha de mandioca, feijões, carne seca, grãos diversos, etc..

Nos setores de artesanato vê-se um pouco de tudo, desde os objetos de uso da população local (cuias, remos, peneiras, paneiros, chapéus de palha, etc.), até os souvenirs tão procurados pelos turistas e visitantes em geral (colares indígenas, objetos diversos em madeira e cerâmica, camisetas, etc.). Existem algumas peças de origem indígena. Muitas, todavia, não passam de imitação, portanto, observe antes de adquiri-las.

Em todas as direções, no pavilhão e suas laterais, vêem-se também os vendedores de frutas, legumes e verduras. Dependendo da época do ano é possível encontrar-se no local frutas regionais deliciosas como o cupuaçu, a graviola, o jambo (originário da Ásia), o jenipapo (também usado pelos índios para pintarem os corpos na cor preta), o tucumã, a pupunha e inumeráveis outras, especialmente provenientes de palmeiras.

Ao fundo um lugar merece atenção muito particular - é o local onde são comercializadas as plantas medicinais da

Amazônia. Sob a forma de óleo, ou casca de madeira, ou folhas desidratadas, ou raízes e sementes, elas são bastante procuradas pelos manauaras e cada vez mais pela farmacopéia nacional e internacional. Veja o quadro sobre algumas plantas especialmente interessantes.

Plantas Medicinais da Amazônia

- *Andiroba* (*Carapa sp*) - vendida sob a forma de óleo a andiroba provém de uma árvore amazônica; tem funções anti-inflamatórias e anti-reumáticas; ajuda a combater febres e verminoses.
- *Copaíba* (*Copaifera officinalis, L*) - óleo retirado de uma árvore da família das leguminosas-cesalpiniáceas; usado como bálsamo e sedativo; empregado com eficácia em feridas, úlceras e picadas de insetos.
- *Guaraná* (*Paulinia cupana, Kunth*) - naturalmente em semente e normalmente vendido em bastão ou pó; tônico utilizado na astenia e na depressão nervosa; considerado tônico cardíaco e muito usado na região como fonte de juventude, em decorrência de suas presumíveis funções afrodisíacas.

Nessa parte do mercado chamam a atenção os enormes recipientes contendo um sumo de cor amarela e de cheiro também inusitado. Trata-se do famoso "tucupi", extraído da raiz da mandioca, muito utilizado pela cozinha regional no cozimento de peixes e na preparação de molho de pimenta forte. O "tucupi" é normalmente

vendido acondicionado em garrafas de todos os tamanhos. Oriundo de Belém, Pará, faz também parte da gastronomia amazonense o famoso "pato no tucupi".

Saia do pavilhão central e entre nos pavilhões laterais, fabricados em ferro. Trata-se de obra da firma escocesa WALTER MACFARLANE, de Glasgow. Essa firma produzia e exportava artefatos diversos e até edifícios inteiros elaborados em ferro. Para tanto possuía um catálogo com modelos de prédios em estilos variados (o "Illustrated Catalogue of MacFarlane Castings"). Assim, os clientes podiam comprar à distância e receber as peças pré-fabricadas nos ateliês da Escócia. Para a época uma maneira bem moderna de trabalhar...



Mercado Municipal (Um dos pavilhões laterais)

O Pavilhão de Peixes

Aqui encontram-se os principais tipos de pescado da região:

- O Tucunaré, facilmente reconhecível graças a um desenho em forma de olho localizado na altura do

rabo. O caldo do peixe (chamado caldeirada) é simplesmente delicioso.

- O Tambaqui, enorme peixe, com os dentes parecidos com os de carneiro, que se alimenta basicamente de frutas. Excelente em grelhados.
- O Pirarucu, peixe gigante de escamas, com carne semelhante a do bacalhau, consumido fresco ou salgado. Preparado das mais diversas maneiras. Suas resistentes escamas servem como lixa de unhas.
- O Jaraqui, peixe popular de rabo listrado. Diz-se, popularmente, que o forasteiro que comer sua carne não conseguirá separar-se de Manaus.
- A Matrinxã, a Pescada, a Sardinha, o Pacú, e tantos outros.

O Pavilhão de Carnes

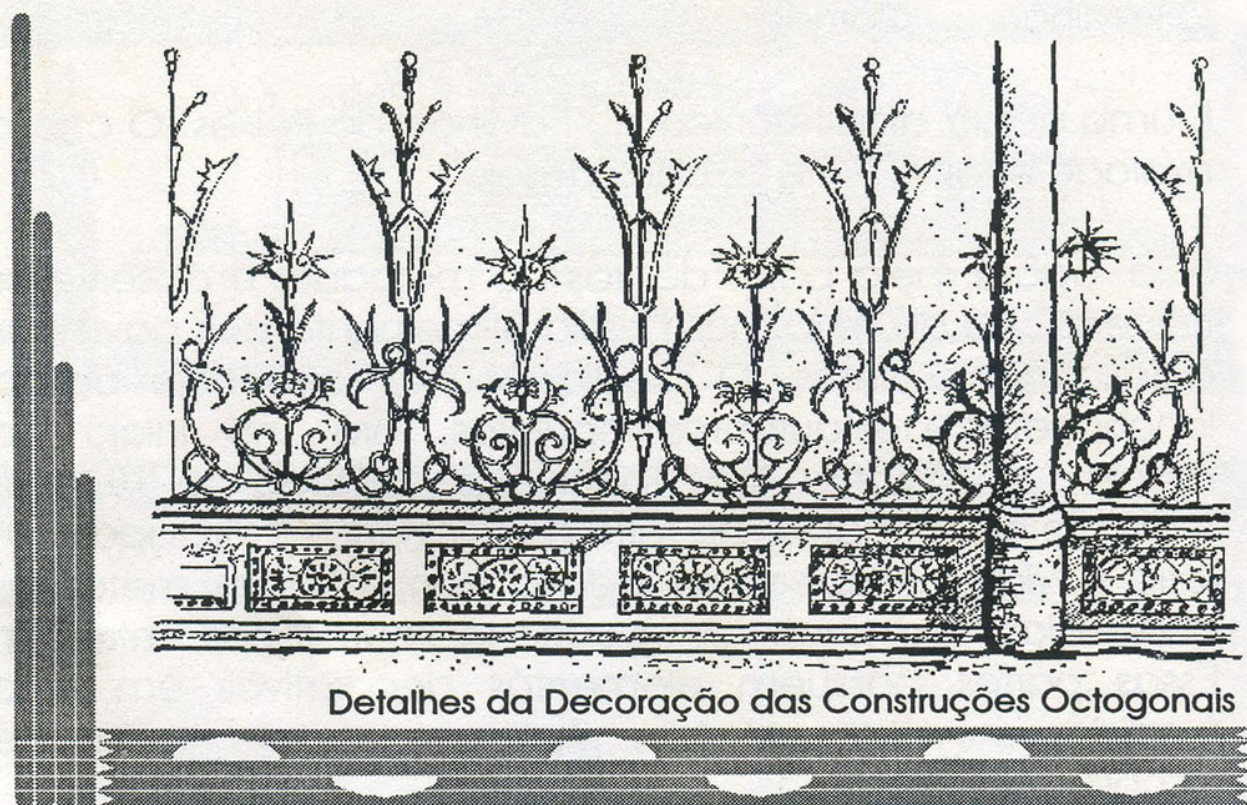
É uma cópia arquitetônica do Pavilhão de Peixes. O cheiro exalado é forte. Visite-o, caso deseje.

Saia, agora, pela parte de trás do mercado, e observe os três edifícios de ferro, num estilo semelhante aos pavilhões anteriormente vistos. O prédio central, que hoje abriga lanchonetes e restaurantes populares, era no início do século o "Pavilhão das Tartarugas". Datado de 1909, é fechado com chapas de ferro e venezianas fabricadas em ferro e vidro. A cobertura é feita com chapas metálicas onduladas formando um pequeno frontão nas entradas. Essas partes possuem elementos decorativos em ferro fundido e vidro colorido. Acima do teto notam-se lambrequins metálicos.

De cada lado vêm-se dois pequenos edifícios de forma octogonal (n^{os} 04 e 05, na planta), que serviam no início do século de posto de fiscalização dos produtos que chegavam ao mercado vindos do interior do estado. Em suas bases existem decorações em arabescos, muito parecidas com aquelas dos catálogos da firma MacFarlane, de Glasgow, que provavelmente foram encomendadas da Escócia.

Destaque-se a presença de dois lampadários antigos que ladeiam os pavilhões.

Os desenhos do edifício à esquerda estão bastante desgastados pelo tempo. Os do prédio à direita, todavia, ainda mostram a delicadeza do traçado. No teto, que tem cobertura em formato de escamas, existem artefatos de metal com desenhos simétricos e uma coroa.



Detalhes da Decoração das Construções Octogonais

Antes de sair do mercado observe cuidadosamente a fachada localizada de frente para o rio Negro (nº 6, na planta), construída em estilo gótico e identificada por várias placas metálicas que indicam sua origem - "Mercado Público - 1882 - Na Administração do Exmo. Sr. Dr. Alarico Jozé Furtado".

É interessante essa mistura do estilo medieval com o modernismo da arquitetura de metal.

As duas partes salientes de cada lado da fachada servem de banheiro público.

Terminada a visita à área do mercado atravesse a rua e caminhe em direção ao Rio Negro. Lá do calçadão abrange-se uma vista privilegiada: à frente os barcos pesqueiros e o Porto de Manaus logo à direita. Há alguns anos as águas do rio Negro chegavam a tocar os paredões do mercado. Com a urbanização da área o rio agora situa-se alguns metros à frente. Durante os meses de enchente, no entanto, pode-se ainda ver os pescadores vendendo seus produtos diretamente à população.

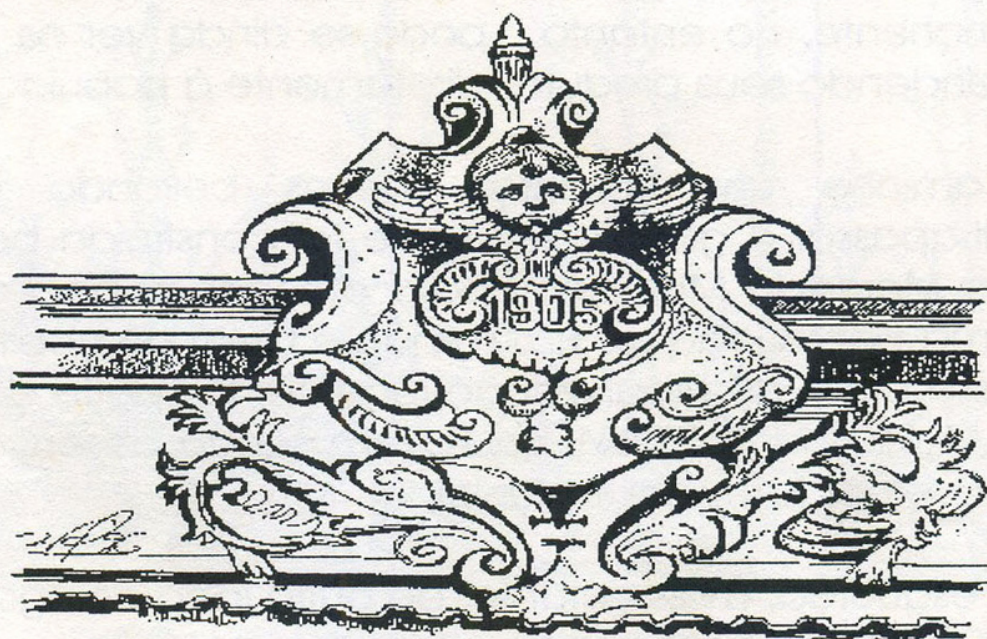
Caminihe uns trezentos metros beirando o rio, até ultrapassar a grande feira que foi construída bem ao lado do Mercado Municipal, para atender às necessidades de uma população de um milhão e meio de habitantes. Toda essa área, de urbanização recente, faz parte do programa "MANAUS MODERNA", que vem sendo desenvolvido pelos Governos Estadual e Municipal.

À esquerda, mais distante, do outro lado do "igarapé", vê-se o Bairro de Educandos.

Ao chegar próximo ao novo mercado, mais ou menos na altura do "Portão F", atravesse a rua em direção à chamada "feira da banana", que oferece os mais variados tipos de bananas, desde as pequenas do tipo "baié" até as enormes "pacovão", que - cozidas - são muito apreciadas pelo manauara.

Suba a Rua Pedro Botelho. Existe uma belíssima casa na esquina com a Rua Miranda Leão.

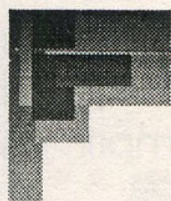
Atravesse a Rua dos Andradas e, logo após o Hotel Dona Joana, atente para um espetacular conjunto de três casas, no mesmo estilo arquitetônico, datadas de 1905 e pintadas singularmente em cores variadas. A construção do meio foi curiosamente pintada metade de rosa e branco e metade de amarelo e verde. Até mesmo a estátua do anjinho, na parte superior do prédio, acima do medallhão com a data de 1905, foi pintada metade de uma e metade de outra cor.



Detalhes do conjunto de casas na Rua dos Andradas

Caminhe até o fim da rua e dobre à direita, na Rua Quintino Bocaiúva e, logo após o posto de gasolina, prossiga até a Rua Izabel. À direita, existe uma belíssima casa, hoje abandonada. Logo à frente vê-se a Ponte de Educandos, de onde se pode desfrutar de maravilhoso panorama, que engloba o "igarapé" e as casas tipo "palafitas" do Bairro de Educandos, os barcos regionais e o Centro de Artes Chaminé.

Volte até a Rua Izabel e agora caminhe cerca de cem metros até o Centro de Artes Chaminé.



O Centro de Artes Chaminé

O prédio, construído em 1910, na fase áurea da borracha, destinava-se a ser a estação de tratamento dos esgotos da cidade e fazia parte do patrimônio da firma inglesa "MANAOS IMPROVEMENTS LTD. COMPANY", concessionária dos serviços de água e saneamento, que se tornou mais tarde responsável por uma das mais dramáticas páginas da história de Manaus.

Em 1913, forçada a pagar preços exorbitantes pelo fornecimento de água e saneamento, a população manauara recusou-se a quitar as contas apresentadas pelos ingleses da Manaos Improvements.

Os fornecedores, sentindo-se prejudicados, imediatamente reagiram ordenando o corte de água de todos que se

encontravam em débito.

A partir desse momento deflagra-se toda uma onda de violência, que se agrava quando a população nega-se a permitir o ingresso dos empregados da Manaus Improvements em seus lares, para os procedimentos de corte.

Diante da resistência a empresa exige providências às autoridades constituídas e o governador Jonathas Pedrosa ordena a intervenção de tropas militares.

Mas os militares, que também eram vítimas da mesma situação, vez que também pagavam taxas absurdas pelos serviços de água e esgoto, recusam-se a cumprir as ordens, gerando a rebelião.

O quartel militar (bela construção ainda hoje existente na Praça da Polícia) é invadido pelos soldados, depois que um deles é alvejado a tiros por um capitão.

O povo enfurecido sai às ruas depredando os prédios dos jornais governistas e destrói inteiramente os escritórios da Manaus Improvements.

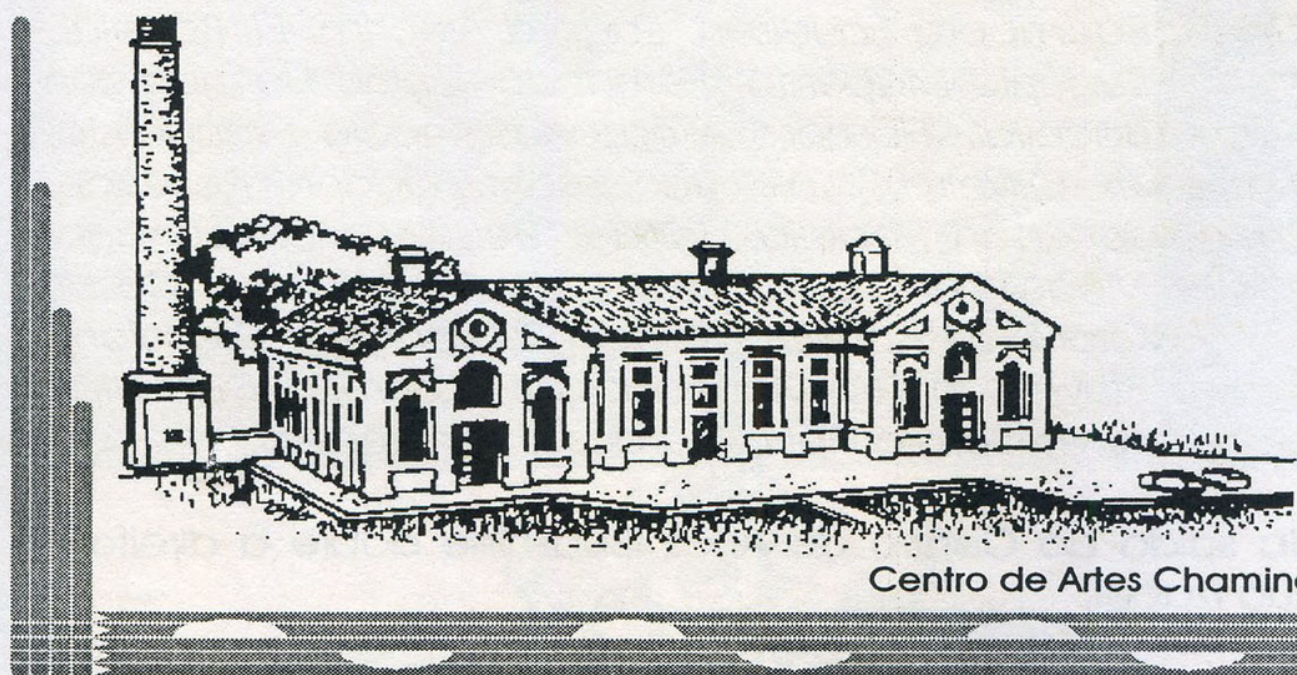
O governo reage mais violentamente - bombardeia o reduto dos rebelados e executa os rebeldes aquartelados. A cidade inteira vivência o terror, que culmina com a depredação dos jornais oposicionistas e com o espancamento de cidadãos.

O acontecimento ganhou repercussão nacional e a Manaus Improvements decide encerrar as suas atividades em Manaus, não sem a cobrança de polpuda

indenização, no valor de dez mil e quinhentos contos de réis, como indenização pelos seus prejuízos.

Em 1926 o patrimônio da Manaus Improvements passa a ser administrado pelo Governo do Amazonas. O prédio ficou abandonado durante várias décadas, até sua recuperação já nos anos 90, para abrigar a Pinacoteca do Estado.

Além de exposições artísticas temporárias e de atividades culturais diversas, o Centro de Artes Chaminé inclui em seu acervo um grande número de artistas regionais e promove atividades teatrais e musicais (clássico e popular), ateliês de dança, fotografia, pintura, capoeira, etc..



Centro de Artes Chaminé

O prédio de um único pavimento tem um corpo central e dois corpos laterais salientes, sendo que uma das características da construção é o grande número de portas e janelas.

No corpo central as janelas são de verga reta e nas laterais são de arco pleno, com um óculo na parte central.

Os horários de funcionamento são flexíveis e dependem das próprias atividades que estiverem acontecendo no local.

*Artistas presentes no acervo do
Centro de Artes Chaminé:*

A. Rocha, Adhemar Guerra, Ademar Brito, Adhemar Venâncio, Afrânio de Castro, Aníbal Turenko Beça, Anísio Mello, Arnaldo Garcez, Álvaro Páscoa, Auxiliadora Zuazo, Branco e Silva, Bernadette Andrade, Cristovão Coutinho, Edemberg Eduelson, Edgard Alecrim, Eli Bacelar, Eugênio Magenta, Fernando Júnior, Hahnemann Bacellar, Homero Amazonas, Inácio Evangelista, J. Oliveira, Jair Jacqmont, Jader Rezende, Jefferson Rebello, Jander Rels, Manuel Sanago, Moacir Andrade, Mário de Paula, Noé Costa, Otoni Mesquita, Roberto Evangelista, Roland Stevenson, Rui Machado, Rita Loureiro, Sebastião Alves, Sérgio Vieira Cardoso, Van Pereira.

Na saída do Centro de Artes Chaminé dobre à direita na Rua Izabel.

Logo à esquerda, na Rua José Paranaguá, há uns 50 metros encontra-se o Grupo Escolar José Paranaguá, construído em 1895, na administração do governador Eduardo Ribeiro, conforme atestam as placas localizadas na fachada do prédio - "Administração de Eduardo Ribeiro - Escola Pública - 1895". Trata-se de uma edificação

simples, porém elegante, que revela a preocupação do governante para com o sistema público de ensino.

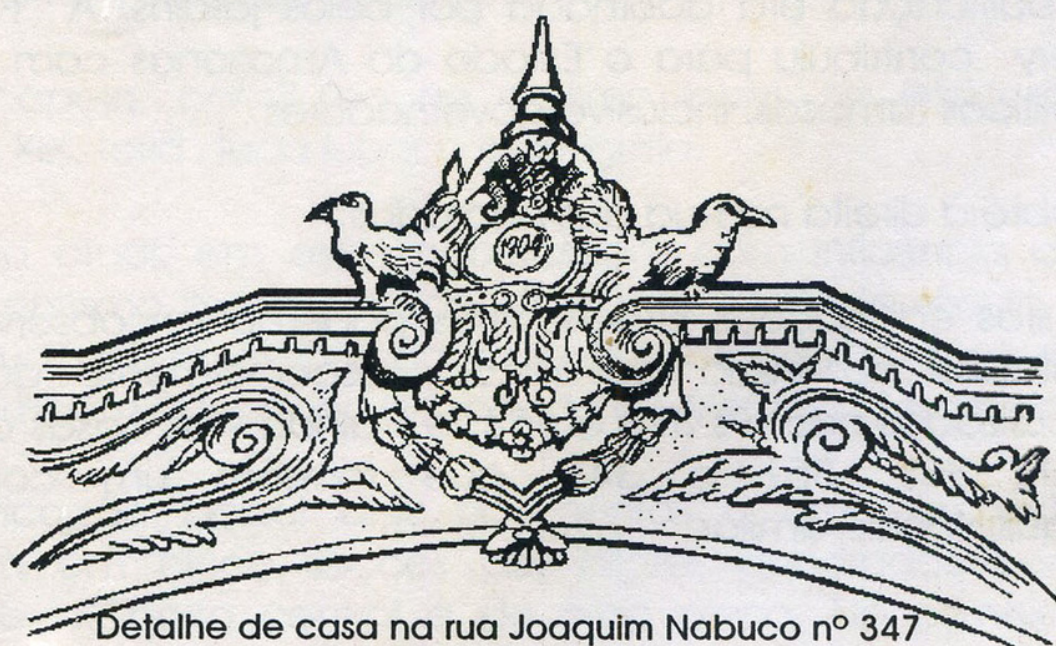
Na mesma rua vêem-se várias moradias do início do século.

Atravesse a Rua Dr. Almínio e continue na Rua José Paranaguá. As construções de nºs 405 e 430 (onde funciona um hotel) são muito interessantes.

Dobre a esquina, na Av. Joaquim Nabuco.

No nº 472 localiza-se uma bela casa, que - em ruínas pelo abandono - exhibe traços burgueses. Mais à frente, no nº 403, vê-se um prédio muito interessante datado de 1913.

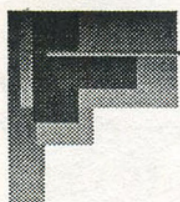
Atravesse a Rua Quintino Bocaiúva para admirar o prédio localizado no nº 347 (onde funciona uma pensão), construído em 1904 e em bom estado de preservação, que mostra em sua fachada um vistoso relevo com um casal de pássaros, folhagens, flores e figuras entrelaçadas.



Detalhe de casa na rua Joaquim Nabuco nº 347

Mais ao longe, no nº 336, observa-se um belíssimo casarão revestido com azulejos, com uma sacada em ferro forjado e balaustrada com seis estátuas femininas. Nota-se, ainda, cinco janelas de arco pleno acima de cinco óculos octogonais. No alto e laterais do portão de entrada vê-se decorativas pinhas em pedra. Este prédio hoje abriga o Grupo Escolar Nilo Peçanha.

Na mesma calçada, à esquina com a Rua dos Andradas, situa-se o Palacete dos Nery.



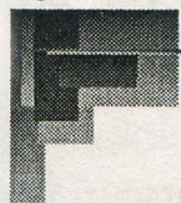
O Palacete dos Nery

O prédio, de aspecto neoclássico, data de 1901. A fachada foi conservada até os nossos dias mais ou menos em sua feição original, com grandes janelas de púlpito com vergas retas, três delas com frontão triangular, cornija, um grande frontão e balaustrada. Na época da borracha a edificação era adornada por belos jardins. A Família Nery contribuiu para o Estado do Amazonas com vários políticos famosos, inclusive governadores.

Dobre à direita na Rua dos Andradas.

Muitas edificações interessantes poderão ser observadas, datadas do início do século, especialmente aquelas localizadas nos nºs 373 e 354, e - ainda - as casas de nºs 361, 355, 351 e 347, que formam um conjunto arquitetônico similar.

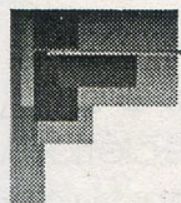
Vire agora na Rua Leovegildo Coelho e, beirando a igreja, siga até a Praça dos Remédios.



A Praça Nossa Senhora dos Remédios

É uma das mais antigas praças de Manaus. Na época da borracha era calçada em calcário de Lisboa e possuía um belo chafariz. Na forma atual ela data de 1899.

Ao redor vários prédios notáveis podem ser admirados.



A Igreja Nossa Senhora dos Remédios

A Igreja de N. S. dos Remédios foi construída em cima de um antigo cemitério indígena. Sabe-se historicamente, inclusive, que um dos traços marcantes do comportamento dos povos dominadores era o de ocupar os chamados lugares "mágicos" dos povos nativos, como forma de impor a sua hegemonia.

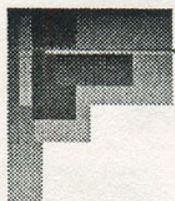
Uma capela, construída no mesmo local, no início do século XIX, teria dado lugar a essa igreja.

A igreja atual, em estilo neoclássico, com influência do renascentismo italiano, foi construída no início do século e teve sua planta elaborada pelo italiano Filintha Santoro, que também concebeu a fachada do Mercado Municipal.

A edificação possui dois pavimentos e uma fachada dividida em cinco seções por pilares quadrados com capitéis. A porta central é de arco pleno. No primeiro

andar vê-se uma janela também de arco pleno com vitral em forma de cruz. Acima da cornija pode-se ver um frontão triangular. Na parte superior nota-se uma torre com sineiro coberta por uma cúpula.

Na esquina das ruas Miranda Leão e Cel. Sérgio Pessoa, no canto da praça, ergue-se a Faculdade de Direito.



A Faculdade de Direito

Fundada em 1909, pelo jurista Dr. Astrolábio Passos, é uma das mais antigas do Brasil. A construção, em estilo eclético, data da época da borracha e foi originalmente construída com um só pavimento. Hoje com dois pisos o prédio está dividido em três corpos, sendo que o central é recuado e adornado com escadaria. Um frontão curvo coroa a cornija e nos corpos laterais vêem-se janelas centrais seguidas de janelas de vergas retas. A Faculdade de Direito vincula-se à Universidade do Amazonas.

Desça pela mesma calçada cerca de quinze metros até o nº 115 da Rua Sérgio Pessoa, onde localiza-se um belíssimo casarão do início do século, em aprazível varanda e vitrais coloridos. Sobressai uma bela sacada, adornada por janelas em estilo gótico e balaustrada com vasos.

Ao redor da praça, especialmente pela manhã, existem sempre numerosos veículos de carga (caminhões e caminhonetes) que aceitam frete e fazem carretos para todos os lugares da cidade, aproveitando o grande movimento do vizinho Mercado Municipal.

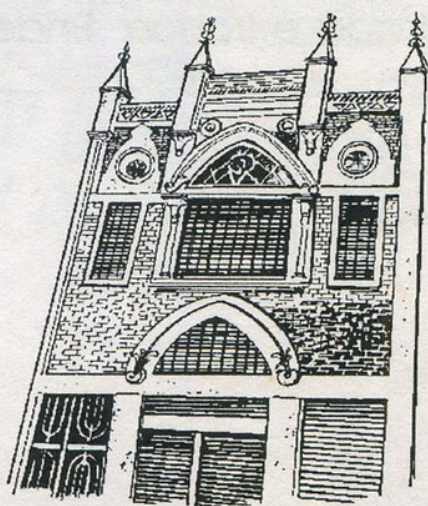
Desça até a Rua dos Barés em retorno ao ponto do início da caminhada.

Existem às proximidades várias casas interessantes, como aquelas de nºs 135 e 121 e, ainda, a de nº 107, com azulejos, bem em frente ao portão do mercado.

No nº 115 a construção é recente, mas chama a atenção a informação à fachada indicando que o estabelecimento comercial ali existente foi fundado ainda em 1915.

Na Rua Tabelião Pessoa, ao lado do mercado, muitas construções singulares podem também ser vistas.

Ao término da caminhada não deixe de visitar a casa de nº 39, na Rua dos Barés, onde funciona uma loja de ferragem. Trata-se de um prédio em estilo neo-gótico muito parecido com aquele localizado à Praça Oswaldo Cruz, onde funcionava a firma inglesa Manaos Tramways & Light (ver o Roteiro nº 2).



Rua dos Barés - casa em estilo medieval

Todas as artérias que circundam o Mercado Municipal são predominantemente comerciais, caracterizadas por um

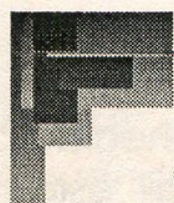
sem-número de estabelecimentos que trabalham intensamente com a população interiorana.

Vale a pena entrar em certas lojas para ver, por exemplo, o material tipicamente amazônico utilizado na fabricação da farinha de mandioca (item indispensável nas mesas amazonenses), especialmente o grande tacho usado na torrefação do produto. Lojas vendem redes para dormir de todos os tipos, mosquiteiros, artigos para pesca, ferragens, louça e utensílios domésticos, etc., tudo muito bem dirigido ao consumidor ribeirinho.

Fim do roteiro.

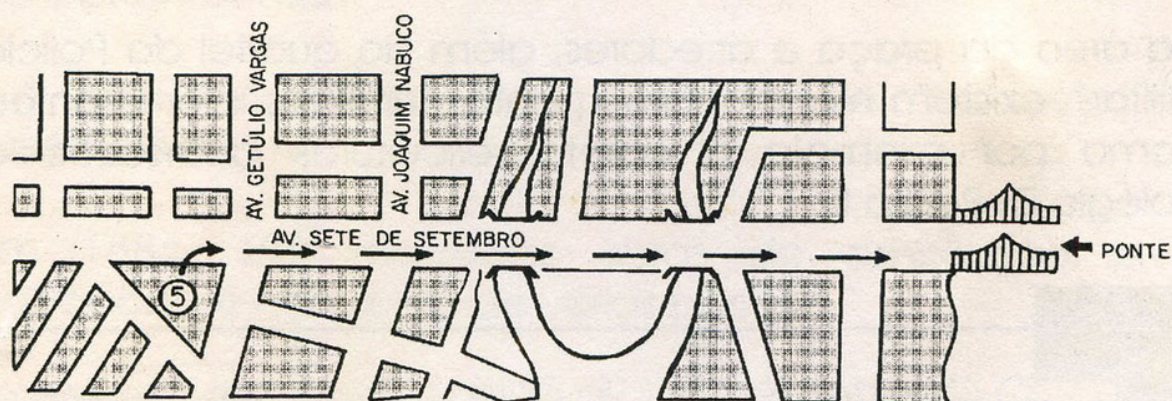
Este circuito se faz em aproximadamente duas horas, sendo que a duração poderá prolongar-se caso as visitas ao Mercado Municipal e ao Centro de Artes Chaminé sejam mais detalhadas.

Centro de Artes Chaminé - abre às 08 Hs. e não tem horário fixo para fechar. A entrada é franca. Endereço: Rua Isabel, s/n Fone: 234-7877.



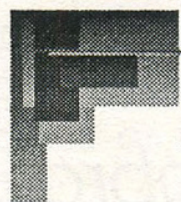
Carinhando por Manaus

Ao Longo da Av. Sete de Setembro



Roteiro 5

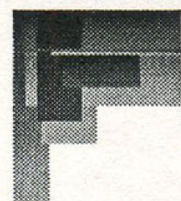
Ao contrário dos roteiros anteriores (de nºs 1 a 4), que são circulares, este é linear e objetiva fazê-lo caminhar em uma só rua, a partir da Praça Heliodoro Balbi (mais conhecida como Praça da Polícia, devido ao quartel que ali está localizado), situada no ponto nº 05 do mapa.



A Praça Heliodoro Balbi (Praça da Polícia)

O lugar já possuiu diversos nomes: Praça 28 de Setembro, Largo do Palacete, Praça da Constituição, Praça Gonçalves Leão, Praça João Pessoa, Largo do Liceu e também Praça Roosevelt, em homenagem ao presidente americano que esteve na Amazônia, em expedição, acompanhado pelo Marechal Rondon.

Na área da praça e arredores, além do quartel da Polícia Militar, existem muitos outros pontos turísticos interessantes, como por exemplo o coreto, esculturas diversas e o colégio D. Pedro II.



O Quartel da Polícia Militar (Palacete Provincial)

Em 1867, o edifício, ainda em fase de construção, foi comprado do oficial da Guarda Nacional, Capitão Custódio Garcia, pelo Governo do Estado, com o propósito de abrigar várias repartições públicas: A Assembléia Provincial, o Tribunal de Júri, a Câmara Municipal, a Direção das Obras Públicas e a Tesouraria Provincial.

As obras arrastaram-se ao longo de muitos anos,

especialmente em decorrência da falta de material de construção e da carência de mão-de-obra confiável. Em 1868 a obra é paralisada pela falta de cal e em 1870, quando o prédio estava quase pronto para receber a cobertura, novo atraso acontece em decorrência da falta de pessoal e material.

Em 1872, novamente, as paredes - já erigidas e prontas a receber a cimalha - têm que ser demolidas, vez que se descobre que o prédio não teria estrutura apta a suportar um segundo pavimento.

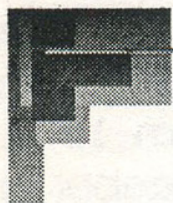
Em 1874; finalmente, na gestão de Domingos Peixoto, a obra chega ao seu término, para ao longo dos anos abrigar, na realidade, o Liceu, a Tesouraria Provincial, a Biblioteca Pública, a Assembléia Provincial e a Repartição de Obras Públicas.

Em 1880, o prédio era chamado de "Palacete da Assembléia".

Em 1884, são realizadas obras de ampliação e a edificação é acrescida de várias partes.

A construção, que mistura harmoniosamente os estilos colonial e neoclássico, possui dois pavimentos e um porão com aberturas ao nível da praça. O portão central está ladeado por três corpos, separados por uma simples platibanda. As janelas são de arco pleno. No segundo pavimento vê-se uma pequena sacada com balaustrada. Uma cornija encima o conjunto.

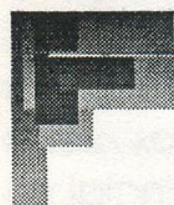
Já há muitos anos o prédio abriga o quartel do Comando Geral da Polícia Militar e os Museus Tiradentes e de Numismática.



O Museu Tiradentes

O Museu Tiradentes possui uma bela coleção de objetos militares ligados à história do quartel da Polícia.

O museu está fechado sem previsão de abertura.



O Museu da Numismática

Em 1900, pela raridade e valor de seu acervo, esse museu era considerado o primeiro do Brasil e o terceiro do mundo. As suas primeiras peças foram adquiridas por Bernardo Ramos, o fundador do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas - IGHA (ver o Roteiro nº 3).

A coleção foi adquirida pelo Estado, em 1900, e contava na época com aproximadamente 10.000 peças, muitas desaparecidas, sem contar com o acervo em papel moeda que se danificou ao longo dos anos pela umidade e traças.

Apesar de tudo o museu ainda exhibe uma coleção de altíssimo nível, invejada por muitas outras entidades do gênero.

A coleção é dividida em vinte e quatro mostruários, que

reúnem preciosidades numismáticas de todo o mundo.

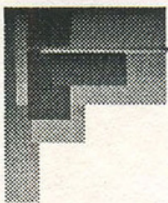
Possível admirar-se as primeiras moedas cunhadas no Brasil, pelos holandeses; uma magnífica coleção de antigas moedas gregas e romanas e, ainda, rara coleção de medalhas com as efígies dos papas.

Há coleções interessantíssimas de moedas com as figuras dos reis da França, moedas de porcelana do Sião (hoje Sri Lanka), moedas espanholas com inscrições orientais e os curiosíssimos "zimpos", utilizados como dinheiro em Angola e usados nas operações de troca entre os africanos.

Podem observar-se condecorações valiosas do tempo do Segundo Império e diversas cédulas do primeiro Banco do Brasil, fundado por D. João, em 1808.

No mostruário de moedas inglesas chama especialmente a atenção aquela que é considerada a menor do mundo, tanto em tamanho quanto em espessura, datada do reinado de Victória da Inglaterra.

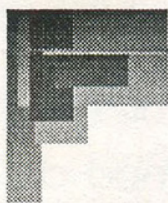
Museu de Numismática merece a sua visita. É interessante atentar cuidadosamente para cada uma das diversas vitrines, a fim de que possam ser merecidamente observadas as preciosidades ali reunidas. O pessoal da casa é muito gentil e presta informações com a maior cordialidade.



Os Jardins da Praça da Polícia

Previstos desde 1894, na época da administração de Eduardo Ribeiro, foram somente executados em 1906, por Adolpho Lisboa, junto com as esculturas e o coreto.

Inspirados no paisagismo europeu, apresentam pequenos lagos artificiais, com pontes em alvenaria imitando madeira e majestosas árvores seculares, inclusive seringueiras (*Hévea brasiliensis*), de onde se extrai o látex e que fizeram a fortuna da cidade na época da borracha.

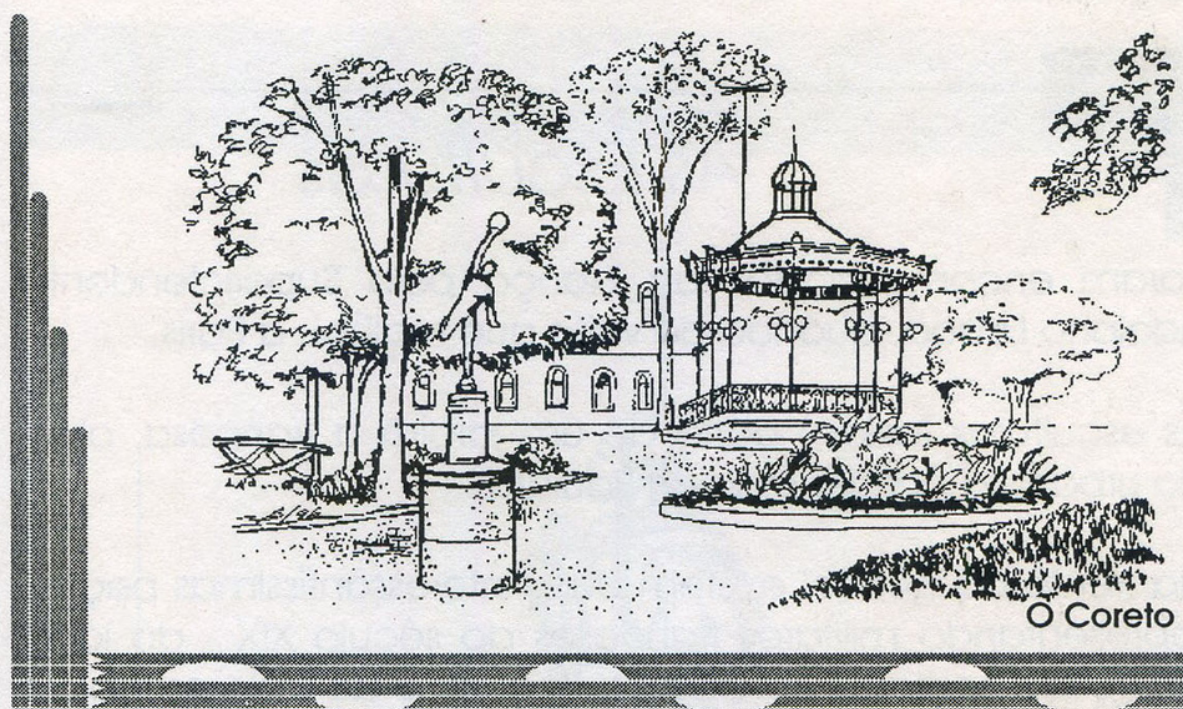


O Coreto

Alia elementos de decoração variados, nos estilos "art-nouveau" e "art-decô".

Repousa em base de alvenaria, com formato octogonal e ostenta oito finas colunas, que sustentam o teto. Nas fustes das colunas observam-se jardineiras, encimadas por medalhões com desenhos de folhagens e uma lira. Quatro das colunas também funcionam como calhas, com ornamentos em formato de cabeça de hidra terminando em folhas de acanto.

A decoração dos parapeitos de ferro, ainda original, mistura variados elementos decorativos, tais como folhagens, cabeças de dragão, diversos desenhos simétricos e a curiosa cabeça de um demônio.



O telhado, arredondado, inspirado nos pagodes chineses, tem revestimento em formato de escamas e sustenta bem no centro um pequeno zimbório octogonal, acima de finas colunas.

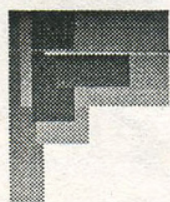
Na beira do teto nota-se uma frisa de ferro que encerra plaquetas em vidro colorido. Acima, vê-se uma cornija com decoração de palometas e rostos humanos.

Dentro do coreto observam-se luminárias no formato de globo, algumas descendo do teto e outras saindo das colunas.

Embora sobrecarregado de detalhes, o conjunto é muitíssimo interessante.

Ao que parece trata-se de obra concebida pelos ateliês MacFarlane, de Glasgow, que forneceram a Manaus várias

outras peças na mesma época.



As Esculturas

Foram encomendadas da França pelo Superintendente Adolpho Lisboa, quando de visita que realizou a Paris.

As esculturas faziam parte de um jardim à francesa, obra do urbanista parisiense Leon Paulard.

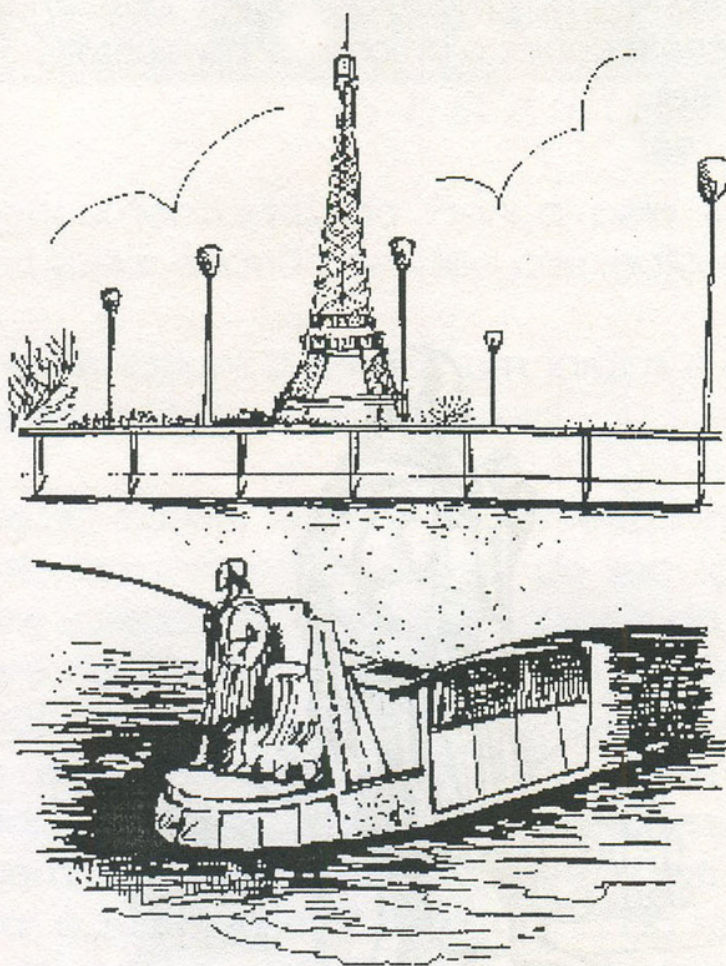
Na frente do quartel existem duas interessantíssimas peças, representando militares franceses do século XIX - do lado direito um soldado do Exército Regular e do lado esquerdo um zuavo da Força Colonial Argelina (Colônia da França, até 1962). Aproximando-se, percebem-se detalhes muito curiosos dos uniformes: o soldado, provavelmente da Infantaria, tem às costas um cobertor, piquetes para a montagem da barraca de campanha, cartucheira, cantil e baioneta; o zuavo ostenta a medalha da Legião de Honra (Légion d'Honneur), a maior comenda francesa.

A figura do zuavo, para um francês, é sempre associada a uma famosa estátua localizada na Ponte de l'Alma, em Paris. Até há alguns anos a escultura servia para medir o movimento das águas do Rio Sena. Nos anos de muita chuva a água atingia os pés do zuavo da ponte. Comparando-se as duas esculturas percebe-se que o zuavo de Manaus é uma reprodução daquele que existe às margens do Rio Sena. O zuavo de Paris é maior e foi esculpido em pedra; o zuavo de Manaus foi fabricado em bronze. A postura, a posição e a roupa, todavia, são absolutamente iguais. Pode-se dizer, sem sombra de

dúvida, que o modelo que possuímos foi rigorosamente copiado do original parisiense.



O Zuavo de Manaus



O Zuavo de Paris

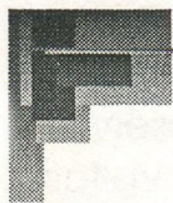
De costas para o quartel comece, pela esquerda, uma volta pela praça para a observação de várias obras muito interessantes. Observe com atenção ...

- *Cão e Javali em Luta* - belo trabalho em bronze retratando a luta de um javali com um cão. Percebe-se a dor do javali ante a fúria de seu atacante. A obra é do francês Ch. Perron.

- *Diana Caçadora* - a Deusa da Caça e da Lua, facilmente identificável pela corça e flechas carregadas às costas. Na base da escultura observa-se a marca da fundição - "VAL D'OSNE, 68 Bd Voltaire, Paris".
- *Mercúrio (o Hermes dos gregos)* - mensageiro dos deuses, divindade romana protetora dos viajantes, comércio e ladrões; identificável pela presença de asas no chapéu e nos pés - a escultura não mostra seu outro símbolo identificativo - o caduceu. A estátua equilibra-se sobre uma cabeça, que sopra o vento para facilitar seu deslocamento. Foi também fabricada no ateliê VAL d'OSNE, em Paris, França.
- *Uma Ninfa* - aparece segurando um ramo de flores na mão esquerda. Do alto do pedestal cobre a nudez com os próprios cabelos. A peça também foi concebida do ateliê VAL d'OSNE, em Paris, França.

Além dessas esculturas observa-se também um pequeno chafariz bem no meio de um dos pequenos lagos que adornam a praça e , ainda, trabalhos mais modernos como:

- *Cabeça de José Maria Ferreira de Castro* - autor do magnífico livro "A SELVA", obra prima onde se encontram as mais belas descrições de nossa selva.
- *Busto de D. Pedro I* - inaugurado em 1972, durante a comemoração do sesquicentenário da Independência do Brasil. Está localizado próximo à Rua Sete de Setembro.



O Coreto em Formato de Templo

No canto da praça vê-se, ainda, um pequeno coreto, com formato de templo, com cinco colunas em gesso (imitando ferro), teto arredondado e cornija decorada com otivos pintados.

Da praça pode-se admirar o magnífico prédio do Colégio Estadual Pedro II.

Atravesse a Av. Sete de Setembro .



O Colégio Estadual D. Pedro II

O Liceu verdadeiramente já existia desde 1869, instalado porém nas dependências do antigo Seminário São José, na Rua Emílio Moreira.

O prédio atual, localizado na antiga Rua Municipal, hoje Av. Sete de Setembro, foi construído entre os anos 1881 e 1886 e batizado como *Gymnásio Amazonense*, nos moldes do Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro/RJ.

O edifício é feito de tijolos e pedra, com fachada em pedra de cantaria, quatro belas colunas e uma imponente escadaria central. Nota-se a existência de um vasto porão. Bem no meio da fachada observam-se

as armas do Império (com a coroa) e na cornija a presença de quatro símbolos: a pena e o pergaminho, um livro aberto, um globo e uma coruja (o símbolo da sabedoria, na Antiguidade).

Mais abaixo notam-se duas placas: em uma lê-se "Lei Provincial nº 506, de 04 de Novembro de 1880" (que regulamentou a construção do prédio) e na outra "Começado a 25 de Março de 1881".

Importante notar a beleza da grade em ferro forjado, com vasos, que circunda toda a estrutura.



O Colégio Estadual D. Pedro II

A meta do colégio era de ensinar letras e ciências de uma forma racional e prática, garantindo - através da disciplina - uma educação saudável aos seus discentes.

Na época de sua inauguração vários museus e bibliotecas juntaram-se no mesmo prédio.

Em 1905, o colégio foi palco de uma rebelião deflagrada por alunos insatisfeitos com o ensino, que - pela violência - resultou em quebra generalizada e quase um ano de paralisação das atividades. Novas manifestações acontecem, em 1930, quando o país inteiro enfrentava uma fase de agitação.

Volte à praça e atravesse a passarela que cruza a movimentada Av. Getúlio Vargas.

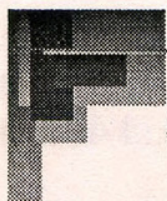
Ao pé da passarela vê-se a escultura da cabeça de Bento Bruno de Menezes (1913/1963), poeta, romancista e folclorista.

Da passarela pode-se desfrutar, à esquerda, de uma belíssima vista do Colégio Estadual Pedro II e, ainda, à direita, do antigo prédio do desaparecido Cinema Polytheama (nº 1199 da Av. Sete de Setembro), hoje um grupo de lojas, onde vê-se magnífico frontão adornado por uma ingênua reprodução de duas sereias de longos cabelos negros segurando enorme lira.

Continue a caminhada pela Av. Sete de Setembro, passando em frente às casas de nºs 1194 e 1202, interessantes edificações datadas de 1908.

Cruze a Av. Joaquim Nabuco e caminhe cerca de cinquenta metros, até o nº 1385, à esquerda, onde localiza-se a Fundação Joaquim Nabuco, que é um

instituto de estudos que abriga o Museu do Homem do Norte.



O Museu do Homem do Norte

Inaugurado em 1985, o museu objetiva proporcionar a quem o visita uma compreensão mais ampla e viva do complexo cultural da região norte, através de seus artefatos, dentro de uma concepção moderna e dinâmica.

Os objetos apresentados expressam, como símbolos, o modo de vida típico da população amazônica, não somente do índio, mas também do próprio caboclo.

Através de reconstituição o museu mostra:

- *as práticas cotidianas de sobrevivência.*
- *a medicina*
- *o trabalho (pesca, caça, borracha, etc.).*
- *a alimentação (farinha de mandioca, o tacacá, etc.).*
- *os mitos*
- *a religiosidade*
- *as moradias*

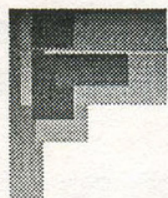
O museu possui uma bela coleção etnográfica (Noel Nutels), mostrando também o cotidiano dos índios da região. Saia do museu e, na mesma direção, caminhe sempre em frente.

A ponte, logo adiante, tem interessante parapeito com

lâmpadários e de lá se descortina uma vista muito curiosa do Igarapé de Manaus, com suas casas tipo palafita, fazendo contraste com a moderníssima torre de telecomunicações vista ao longe.

À direita, logo depois da ponte, vê-se um interessante conjunto de casas, localizadas nos nºs 1456, 1462, 1468 e 1472.

Mais ao longe chega-se ao Palácio Rio Negro.



Palácio Rio Negro

Na época da borracha esse casarão era a residência particular do empresário alemão Waldemar Scholtz. A construção data do final do século XIX e teria sido projetada pelo engenheiro Henri J. Moers.

Em estilo eclético, a fachada (originalmente pintada de cinza) tem dois pavimentos e é dividida em três corpos.

Ao meio observa-se uma escada monumental com duas entradas e, ainda, um pórtico com quatro colunas em estilo dórico.

Chama a atenção a presença de duas belíssimas esculturas que, pelo que dizem, teriam sido subtraídas do acervo do Teatro Amazonas.

No jardim vê-se interessante escultura de uma donzela despida.

A porta de entrada é de arco pleno e, acima, brilha a estrela republicana.

Nos corpos laterais vêem-se janelas de púlpito de arco pleno, com balaustradas.

Nota-se que cada andar tem sua decoração própria:

- *no térreo: reforço com cunhais em forma de pilastras dóricas;*
- *no primeiro andar: bossagem interrompida;*
- *no segundo andar; bossagem contínua.*

Um terraço une os três corpos no segundo pavimento.

A mistura de estilos que se observa, tipo "castelo de contos de fadas", era muito identificativa dos chamados "novos ricos" da época da borracha, que ostentavam riqueza por meio da excentricidade de suas propriedades.

Dentro do prédio notam-se os soalhos fabricados em acapú e pau-amarelo, a presença de móveis e objetos viridos do Oriente e a existência de frisos e lustres no estilo "art-nouveau".

Uma imponente escada de madeira leva até o andar de cima, onde originalmente cada quarto era pintado de uma cor diferente, com decoração em azulejos e ladrilhos.

Uma estrutura em ferro fundido forma uma belíssima sacada que se eleva sobre um jardim, com vista do "igarapé" vizinho.

O prédio foi adquirido pelo Estado, em 1918, durante o

governo de Pedro D'Alcântara Bacellar, com o objetivo de sediar o Poder Executivo. Em 1945, na gestão do governador Álvaro Maia, é acrescentada uma nova ala, à direita, e provavelmente a torre ao lado esquerdo, o que - de certa forma - prejudicou a harmonia do conjunto.

Durante muitos anos o palacete abrigou a sede do Governo do Estado.

Waldemar Sholtz

São poucas as informações disponíveis acerca desse rico comerciante alemão, antes de sua vinda para Manaus, exceto que teria imigrado atraído pelas riquezas da região. Em 1903, possuía armazém e escritório, localizados na Rua dos Remédios, destinados à compra, beneficiamento e exportação da borracha.

Homem culto e enérgico, exerceu o cargo de Cônsul da Áustria, fez parte da Diretoria da Associação Comercial do Amazonas e, muito ativo junto à comunidade alemã, ajudou a fundar o "Clube Alemão".

Em 1911, atingido pela crise da borracha, é forçado a hipotecar o casarão para o Coronel Luis da Silva Gomes, seringalista do Rio Purús.

Com a interrupção das linhas marítimo-fluviais entre Hamburgo e Manaus, devido à guerra, ele é obrigado a alugar e logo depois a vender o palacete.

Em 1918, cheio de saudades, Waldemar Sholtz retorna à Alemanha, para não mais voltar.

Muitas reformas foram realizadas, que descaracterizaram o prédio.

Em 1995, o Poder Executivo deixou o prédio, que passou a abrigar exposições de arte.

Ao lado do palácio está localizada a Vila Ninita, onde funciona a EMPRESA AMAZONENSE DE TURISMO - EMAMTUR, que é o órgão oficial de turismo do Governo do Estado.

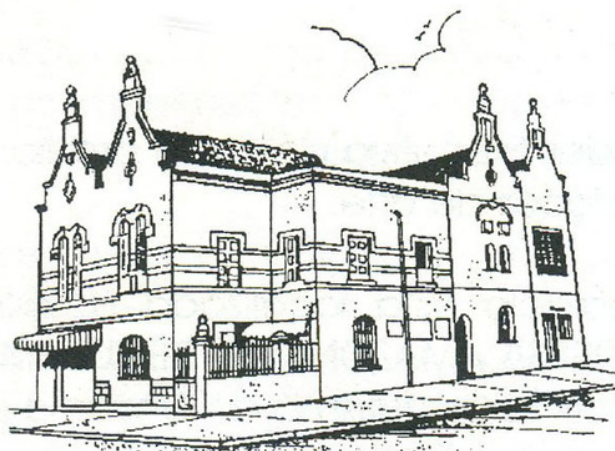
Ao deixar o palácio caminhe pela Av. Sete de Setembro até a segunda ponte, idêntica àquela vista anteriormente, situada sobre o "Igarapé do Bittencourt".

Caso não esteja muito cansado entre na Rua Jonathas Pedrosa, que é uma pacata rua residencial, bem dentro dos típicos moldes manauaras.

Continuando na Sete de Setembro vê-se uma bela casa no nº 1801, datada do início do século, onde funciona uma igreja protestante.

No nº 1867 observa-se uma casa em ruínas, que ainda revela nítidos vestígios de seu esplendor da época da borracha. Do outro lado da rua situa-se um belo prédio antigo, que sofreu restauração e exibe-se em sua beleza original.

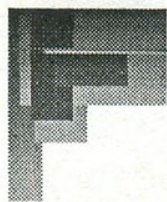
Mais à frente, na esquina das ruas Sete de Setembro e Visconde de Porto Alegre, ergue-se um curioso conjunto de casas, com suas fachadas no típico estilo holandês.



Conjunto de casas em estilo holandês

Atravesse a rua Visconde de Porto Alegre, passando em frente à Escola Técnica Federal do Amazonas, e dobre à esquerda na Rua Duque de Caxias.

Logo após a Igreja de Santa Terezinha localiza-se o Museu do Índio.



O Museu do Índio

O Museu do Índio foi fundado em 1952, por iniciativa da religiosa salesiana Madre Madalena Mazzone, com o objetivo de proporcionar informações sobre a cultura dos povos indígenas do alto Rio Negro e do Rio Amazonas, onde se localizam centros missionários salesianos. Em 1962, o museu adquiriu prédio próprio.

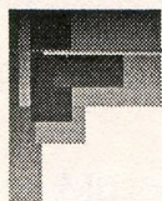
Compõe-se de seis salas de exposição permanente:

- *Sala 01 - Organização Social e Adornos.*
- *Sala 02 - Cerâmica.*
- *Sala 03 - Trançados, caça e pesca.*
- *Sala 04 - Usos e Costumes.*
- *Sala 05 - Crença e Religiosidade.*
- *Sala 06 - Aculturação.*

O museu também possui uma sortida loja de souvenirs.

Ao sair do Museu volte até a Av. Sete de Setembro e vire à esquerda.

Bem à frente vê-se o prédio da penitenciária.



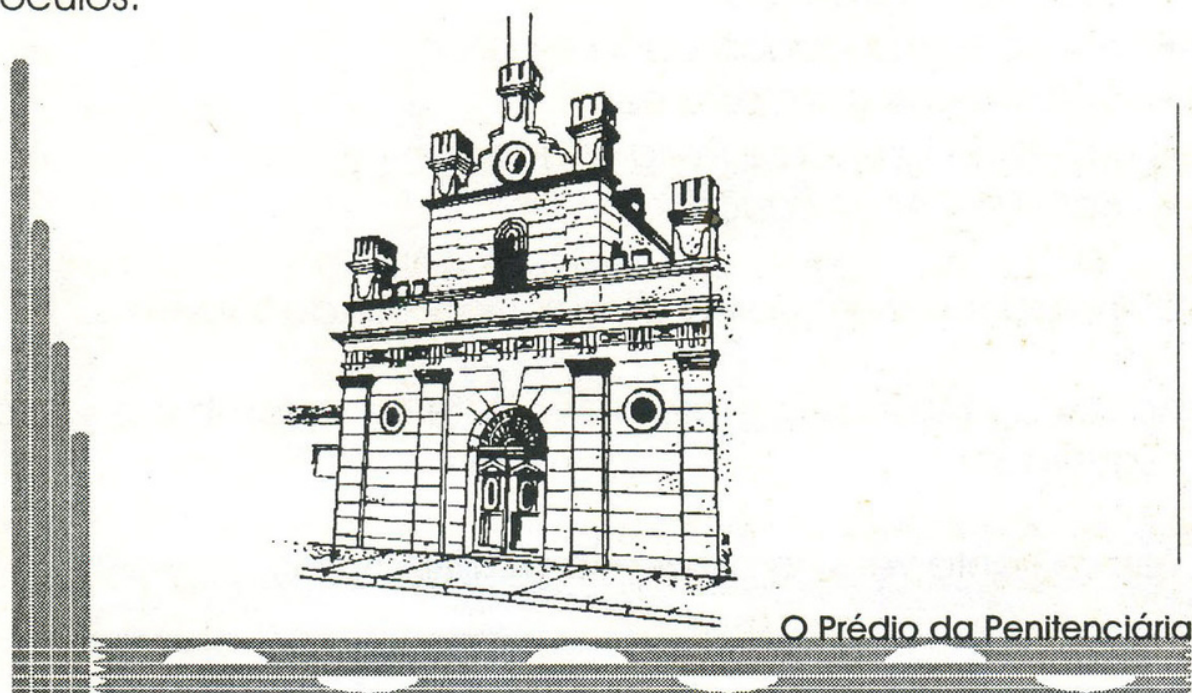
A Penitenciária de Manaus

O prédio, em estilo medieval, com aspecto de fortaleza maciça, foi inaugurado em 19 de Março de 1907, na época da borracha.

- projeto foi elaborado e realizado pelos arquitetos ROSSI & IRMÃOS, com o auxílio dos Sr. Emygdio José Lô Ferreira e do Dr. Estellita Jorge, que era o Diretor-Geral das obras.
- O governador na época, Dr. Antonio Constantino Nery (1904/1906), aprova o empreendimento.

A fachada tem revestimento de bossagem e possui dois pavimentos.

Vê-se, no térreo, um portão de arco pleno, ladeado por óculos.

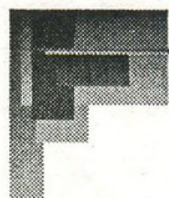


O Prédio da Penitenciária

Observa-se, no primeiro andar, uma janela de arco pleno encimada por um óculo.

Completando o conjunto sobressaem cinco pequenas torres, que dominam o prédio e seu frontão com decoração de ameias, reforçando mais ainda os traços de fortaleza medieval.

Logo após a cadeia, ainda na Av. Sete de Setembro, chega-se à Ponte Benjamin Constant.



A Ponte Benjamin Constant

A ponte Benjamin Constant, que se eleva sobre o Igarapé da Cachoeirinha, foi construída, em ferro, durante a administração do governador Eduardo Ribeiro e inaugurada em 1895.

Passou por reformas e restaurações nos anos de 1969 e 1987.

Tem o aspecto de ponte suspensa, mas encontra-se efetivamente sustentada por gigantescos pilares.

É interessante caminhar sobre a ponte para observar o panorama lá embaixo, repleto de "palafitas" e serrarias.

É o fim de nosso roteiro.

Caso deseje poderá regressar a pé até o ponto do início da caminhada, na Praça da Polícia; ou pegar uma condução até o pitoresco Bairro de Educandos, aí pertinho.

Este roteiro se faz em aproximadamente três horas, já considerando o tempo gasto nas visitas dos museus.

Museu de Numismática - Aberto de segunda a sexta, das 08 às 12 e das 13 às 17 Hs. Entrada franca. Rua Dr. Moreira, s/n (Praça Heliodoro Balbi) Fone: 622-4907.

Museu do Homem do Norte - Aberto de segunda a quinta, das 09 às 12 e das 13 às 17 Hs. e às Sextas das 13 às 17 Hs. Entrada franca. Endereço: Av. Sete de Setembro, nº 1385 Fone: 232-5373.

Museu do Índio - Aberto de segunda à sexta das 08:30 às 11:30 e das 14 às 16:30 Hs. e aos Sábados das 08:30 às 11:30 Hs. Ingresso pago. Rua Duque de Caxias, nº 356 Fone: 234-1422.

